



A BRUXA

UMA REVISTA DE BIOLOGIA CULTURAL

www.revistaabruxa.com

ISSN 2594-8245

Volume 9

novembro 2025

Artigo monográfico

3



Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado pela
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em 07 de fevereiro de 2025

Citação:

Costa, A.P.S.; Da-Silva, E.R. & Cordioli, L.A. 2025. A influência midiática e suas repercussões nas opiniões públicas sobre os animais do parque urbano Campo de Santana - Rio de Janeiro (RJ) **A Bruxa** 9(am 3): 1-62.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS E DA SAÚDE INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - BACHARELADO

ANA PAULA DA SILVA COSTA

**A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA E SUAS REPERCUSSÕES NAS OPINIÕES PÚBLICAS SOBRE
OS ANIMAIS DO PARQUE URBANO CAMPO DE SANTANA - RIO DE JANEIRO (RJ)**

Rio de Janeiro 2025

**A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA E SUAS REPERCUSSÕES NAS OPINIÕES PÚBLICAS
SOBRE OS ANIMAIS DO PARQUE URBANO CAMPO DE SANTANA - RIO DE JANEIRO
(RJ)**

Monografia apresentada em forma de artigo ao Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Elidiomar Ribeiro da Silva
Coorientadora: MSc. Laura Acerb Cordioli

Rio de Janeiro
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

C837

Costa, Ana Paula da Silva

A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA E SUAS REPERCUSSÕES NAS OPINIÕES PÚBLICAS SOBRE OS ANIMAIS DO PARQUE URBANO CAMPO DE SANTANA - RIO DE JANEIRO (RJ) / Ana Paula da Silva Costa. -- Rio de Janeiro : UNIRIO, 2025.

62

Orientador: Elidiomar Ribeiro da Silva.

Coorientadora: Laura Acerb Cordioli.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Graduação em Ciências Biológicas, 2025.

1. Influência midiática. 2. Representação animal. 3. Parque Urbano Campo de Santana. I. da Silva, Elidiomar Ribeiro, orient. II. Cordioli, Laura Acerb, coorient. III. Título.

ANA PAULA DA SILVA COSTA

**A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA E SUAS REPERCUSSÕES NAS OPINIÕES
PÚBLICAS SOBRE OS ANIMAIS DO PARQUE URBANO CAMPO DE SANTANA -
RIO DE JANEIRO (RJ)**

Monografia apresentada em forma de artigo ao Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Biológicas.

Aprovado em: 07/02/2025.

Banca examinadora:

Dr. Elidiomar Ribeiro da Silva
(Presidente da Banca/ UNIRIO)

MSC. Laura Acerb Cordioli
(Fundação Parque e Jardins - FPJ)

MSC. Brendo Araújo Gomes
(Museu Ciência e Vida)

MSC. Fernando Alves da Silva Filho
(Fiocruz)

DEDICATÓRIA

*Este trabalho é dedicado a todos aqueles
que mesmo com todas as adversidades da
vida decidiram não desistir.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, por sempre priorizar e incentivar os estudos, respeitando a minha escolha de cursar Ciências Biológicas.

Aos meus irmãos e cunhadas pelo exemplo, incentivo, apoio e carinho.

Aos familiares que torceram e me apoiaram ao longo da minha caminhada em direção à formação profissional.

À minha melhor amiga por entender a minha ausência, pelo constante apoio e por sempre me lembrar o quanto eu sou capaz. É uma honra ser madrinha da sua filha.

Aos meus “Vlads” por tornarem a jornada acadêmica mais leve e divertida.

Ao orientador e mestre Elidiomar Ribeiro da Silva por sempre instigar seus alunos a divulgar e fazer ciência de forma acessível a todos. Agradeço o acolhimento no projeto de extensão Zoologia Cultural e na revista A BRUXA.

À coorientadora e bióloga Laura Acerb Cordioli por ser exemplo de profissional, pelo seu amor e cuidado com os animais. Agradeço por ter me aceito como estagiária e por estar sempre disposta a compartilhar os seus conhecimentos.

Finalizo agradecendo aos integrantes da banca examinadora pela disponibilidade para avaliar o meu trabalho de conclusão de curso.

A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA E SUAS REPERCUSSÕES NAS OPINIÕES PÚBLICAS SOBRE OS ANIMAIS DO PARQUE URBANO CAMPO DE SANTANA – RIO DE JANEIRO (RJ)

Ana Paula da Silva Costa^{1*}; Elidiomar Ribeiro Da-Silva² & Laura Acerb Cordioli³

1- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

2- Laboratório de Entomologia Urbana e Cultura, Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

3- Fundação Parques e Jardins (FPJ), Parque Urbano Campo de Santana, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

*ana.costa@edu.unirio.br

RESUMO

Animais são representados de diferentes formas (pinturas rupestres, redes de parentesco, artefatos e contos) desde os primórdios da civilização humana. Nesse contexto, os diferentes tipos de mídia exercem importante papel na representação de animais, tanto por meio de formas tradicionais (rádio e cinema), quanto contemporâneas (redes sociais), influenciando as percepções e relações das pessoas com os animais, além de sua consciência ecológica, o que pode resultar em preferência por determinadas espécies. Este trabalho investiga como a representação de animais nas diferentes mídias pode influenciar as percepções e comportamentos das pessoas em relação à fauna, tomando como referência as percepções sobre a fauna existente no Parque Urbano Campo de Santana, importante área verde do município do Rio de Janeiro. Por meio de revisão bibliográfica e de um questionário on-line, buscamos identificar quais mídias são mais utilizadas como fonte de informação e quais espécies de animais causam mais ou menos aversão no público. Os resultados indicam os filmes, documentários e redes sociais como principais fontes de informação, reforçando a importância da veracidade das informações difundidas nessas mídias, bem como da divulgação científica e da educação ambiental, principalmente no que compete à fauna nativa.

Palavras-chave: antropomorfismo; comunicação; divulgação científica; fauna nativa; percepção.

ABSTRACT

The Media's influence and its repercussions on public opinions about the animals of The Campo de Santana Urban Park – RIO DE JANEIRO (RJ)

Animals have been represented in different ways (cave paintings, kinship networks, artifacts, and tales) since the dawn of human civilization. In this context, the different types of media play an important role in the representation of animals, both through traditional forms (radio and cinema) and contemporary ones (social media), influencing people's perceptions and relationships with animals, in addition to their ecological awareness, which can lead to a preference for certain species. This work investigates how the media's portrayal of animals can influence perceptions and behaviors in relation to fauna, focusing on the fauna present in the Campo de Santana Urban Park, an important green area in Rio de Janeiro. Through a bibliographical review and an online questionnaire, the study aims to identify which media are most used as a source of information and which species cause more or less aversion. The results indicate films, documentaries, and social media as the main sources of information, highlighting the importance of ensuring the accuracy of the content disseminated through these channels. Additionally, the findings emphasize the need for scientific communication and environmental education, especially regarding native fauna.

Keywords: anthropomorphism; communication; native fauna; perception; science communication.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Seres humanos e fauna

O desenvolvimento da história evolutiva dos seres humanos tem sido baseado nas diferentes formas de interação com a fauna, fato que se traduz em seus saberes, crenças e diferentes práticas, onde temos os animais servindo como símbolo, representados em pinturas, em redes de parentesco e em identificação de clãs (Santos-Fita & Costa-Neto, 2007; Alves & Souto, 2011; Canto, 2016; Baptistella, 2018; Sihombing *et al.*, 2022). As primeiras interações entre humanos e animais datam de cerca de 14 mil anos atrás, conforme evidências arqueológicas, quando lobos domésticos [*Canis lupus* Linnaeus, 1758 (Carnivora: Canidae)], ancestrais do cão (*Canis familiaris* Linnaeus, 1758), viviam em assentamentos com os seres humanos (Driscoll *et al.*, 2009; Canto, 2016).

O grupo dos animais vertebrados selvagens é, talvez, o que possui o maior envolvimento com a evolução humana, sendo personagens principais em relações antagônicas nas quais assumem diferentes interações, podendo ser desde fonte de nutrição até causadores de mortes e acidentes. Essas relações resultaram em determinados padrões culturais de aversão ou afinidade por determinada espécie, onde algumas despertam medo, asco, nojo e preconceitos — como é o caso de répteis e anfíbios — enquanto outras são consideradas carismáticas e amáveis, podendo até ser tidas como membros da família, aspecto em que os mamíferos se destacam (Serpell, 2004; Ballouard *et al.*, 2012, 2013; Tarrant *et al.*, 2016; Oliveira *et al.*, 2019). Tais padrões podem ser influenciados pelos atributos comportamentais e físicos da espécie e pelas características da pessoa que interage e pensa sobre o animal, dessa forma fatores como sexo, idade, grau de formação e religiosidade, entre outros fatores sociais, são relevantes para a construção da relação ser humano-animal e moldam a maneira como a sociedade lida com determinada espécie animal (Serpell, 2004; Machado & Paixão, 2014).

O fato é que tanto civilizações antigas como as atuais reconhecem a estreita relação que humanos e animais possuem, incorporando-os nas hierarquias simbólicas e usando-os para simbolizar desejos, sonhos e comportamentos humanos, resultando em uma relação multifacetada em que há contradições, mas também fascínio e respeito pela vida selvagem (Baptistella, 2018; Sihombing *et al.*, 2022).

1.2. A mídia

Sabe-se que as mídias exercem grande poder de influência sobre as escolhas, atitudes e comportamentos de seus usuários. Tanto as mídias tradicionais (rádio, cinema e jornais) quanto as contemporâneas (videogames, internet, plataformas de música e redes sociais) podem influenciar as percepções e relacionamentos de humanos com a fauna, bem como a consciência ecológica, alterando as percepções sobre possíveis riscos ambientais e levando à preferência por determinadas espécies em detrimento de outras, o que molda as atitudes em relação a esses indivíduos (Grasso *et al.*, 2020; Baptistella, 2021).

A televisão, em particular, possui papel fundamental na formação do imaginário coletivo e na promoção da identificação por parte dos telespectadores aos indivíduos ali retratados. É o caso dos documentários transmitidos pela televisão, que oferecem ao público a oportunidade de observar e registrar o comportamento animal em detalhes, ampliando o conhecimento sobre diferentes espécies (Diehl *et al.*, 2016; Grasso *et al.*, 2020; Baptistella, 2021). Também dos filmes, especialmente os infantis, que apresentam alta representatividade animal e despertam nas crianças o desejo de possuir e cuidar dos personagens, funcionando como ferramenta útil na apropriação dos conceitos biológicos ali presentes, mas que em contrapartida pode também dificultar, no futuro, a desconstrução de um determinado conceito biológico eventualmente apresentado de forma equivocada (Pinheiro & Kindel, 2013; Silva, 2014).

Nesse sentido, é de fundamental importância que as informações disseminadas nas mídias sejam coerentes e explicativas, principalmente no atual cenário de ampla divulgação de *fake news* (notícias falsas). Um exemplo relevante dessa importância foi o acontecido em 2016 durante o surto de febre amarela (Baptistella, 2018).

No decorrer do surto, macacos foram mortos por pessoas motivadas pelo medo de contrair a doença, fato que ocorreu devido à desinformação divulgada pela imprensa, a qual não se preocupou em esclarecer o papel dos primatas como hospedeiros intermediários no ciclo do arbovírus. O resultado foi a alta mortalidade de macacos causada por humanos, levando a emissão de um alerta

pelo Ministério do Meio Ambiente, informando sobre o risco de um desastre ambiental, havendo a possibilidade da extinção de algumas espécies do animal devido a violência humana (Baptistella, 2018).

1.3. Campo de Santana

O Parque Urbano Campo de Santana – também conhecido como Praça da República ou simplesmente Campo de Santana – é um dos parques históricos mais importantes da cidade (e do Brasil) por ter sido palco, em 1889, da Proclamação da República. Com cerca de 125 mil m², é a maior área verde do bairro Centro (também conhecido como Central, devido à proximidade da estação ferroviária de mesmo nome), e foi projetado em 1873 pelo botânico e paisagista francês Auguste François-Marie Glazou e executado pelo tabelião e estudioso em jardinagem brasileiro Francisco José Fialho (Fundação Parques e Jardins, 2016, 2018; Duarte, 2012; Azevedo *et al.*, 2015).

O jardim em estilo romântico, inaugurado pelo Imperador D. Pedro II em 7 de setembro de 1880, abriga em seu entorno construções importantes como o Palácio do Conde dos Arcos, atual Faculdade Nacional de Direito (FND), pertencente a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e a Casa da Moeda, atual Arquivo Nacional. Além de estar próximo do centro comercial SAARA (Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega), Hospital Municipal Souza Aguiar, Hemorio (Instituto Estadual de Hematologia Arthur de Siqueira Cavalcanti), Museu Casa do Marechal Deodoro, Centro Cultural Museu Casa da Moeda e do Brasil, Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro e do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro como pode ser visto na Figura 1 (Fundação Parques e Jardins, 2016, 2018; Duarte, 2012; Azevedo *et al.*, 2015).

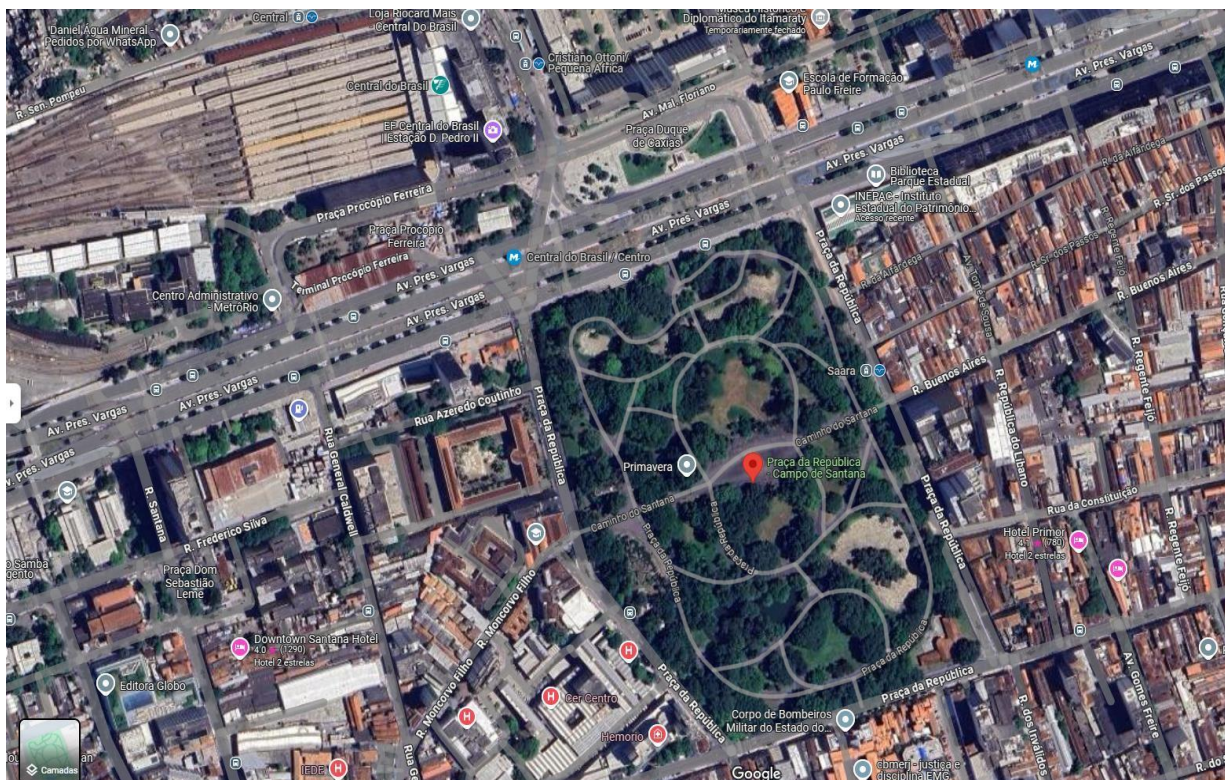


Figura 1. Localização do Parque Urbano Campo de Santana, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Google Maps, 2025, vista de satélite. Coordenadas: -22.905577350134, -43.1884366257474.

No século XVIII, a região do atual campo era frequentada pelos considerados excluídos da sociedade (fato que ainda ocorre vide as pessoas de vulnerabilidade e transeuntes que transitam pelo local), além de ser uma região alagadiça, favorecendo a construção de igrejas e capelas, como a de Santa Anna (que deu nome ao local), posteriormente demolida para a construção da Estação Ferroviária D. Pedro II em 1858. No ano de 1808, com a chegada da família imperial, tornou-se a área com o segundo eixo de expansão da cidade onde se instalou o quartel central. Já em 1822, foi palco da aclamação de D. Pedro I como imperador do Brasil e em 1889 foi o local da Proclamação da República, passando agora a se chamar Praça da República. Mas somente na primeira metade do século XX, a região adquiriu a sua atual conformação com a construção da Avenida Presidente Vargas, inaugurada em 1945, projetada pelo arquiteto francês Alfred Agache, fazendo assim com que o Campo de Santana fosse destombado para a transformação da região em um grande eixo ferroviário (Duarte, 2012; Azevedo *et al.*, 2015).

Em 1909 foi construída em seu interior, pelo arquiteto francês Leon Gaubert, em estilo Luiz XV a sede da Fundação Parques e Jardins (FPJ), fundada em

1893 como "Inspeção de Mattas, Florestas, Jardins Públicos, Arborização e Caça". A instituição é responsável pela produção de plantas ornamentais, planejamento de paisagismo, arborização, projetos e reflorestamento dos parques, jardins e praças urbanos conforme disposto no Decreto nº 28.981, de 31 de janeiro de 2008, sendo responsabilidade da COMLURB (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) a conservação, manutenção e reformas de praças, parques, canteiros e podas de árvores (Fundação Parques e Jardins, 2016, 2018).

Junto à FPJ, o campo, cercado por gradil, abriga guaritas, quiosques e sanitários desativados, além de diversos monumentos — como o Pescador Napolitano, Sinhô, Benjamin Constant, Vicente Celestino, Ponte de Rocaille, Luta Desigual de Rocaille, Fonte da Sereia, Gruta de Rocaille e as Estátuas das Estações (Primavera, Verão, Outono e Inverno) —, quatro fontes Stella, quatro portões (Avenida Presidente Vargas, Praça da República, Largo do Caco e SAARA) e o Espaço de Desenvolvimento Infantil Campos Salles (EDI). Também abriga diferentes espécies vegetais (Tabela 1) e animais (Tabela 2), nativas e exóticas, que garantem uma bela paisagem ao campo (Fundação Parques e Jardins, 2016, 2018).

Atualmente, o parque é tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), responsável pela preservação e divulgação do patrimônio nacional, e pelo INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural), encarregado da preservação do patrimônio cultural e artístico no estado do Rio de Janeiro. Sendo assim, o parque é, além de local de lazer, um excelente espaço para estudo, seja nas áreas de história e arquitetura, ou, como é o caso da pesquisa, no estudo sobre as interações entre seres humanos e animais.

Tabela 1: Exemplos de espécies de flora presentes no Parque Urbano Campo de Santana, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: (Fundação Parques e Jardins, 2016, 2018).

Flora	Classificação
Árvore-do-imperador	<i>Chrysophyllum imperiale</i> (Benth. & Hook.f.) - Ericales: Sapotaceae
Árvore-do-viajante	<i>Ravenala madagascariensis</i> (Sonn) - Zingiberales: Stretiziaceae
Assacu	<i>Hura crepitans</i> (Linnaeus) - Malpighiales: Euphorbiaceae
Baobá	<i>Adansonia digitata</i> (Linnaeus) - Malvales: Malvaceae
Esterculia	<i>Sterculia foetida</i> (Linnaeus) - Malvales: Malvaceae
Figueira-bronzina	<i>Ficus aspera</i> (G.Forst) - Rosales: Moraceae
Figueira-dos-pagodes	<i>Ficus religiosa</i> (Linnaeus) - Rosales: Moraceae
Jamelão	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels - Myrtales: Myrtaceae
Jaqueira	<i>Artocarpus integer</i> (Thunb.) Merr. - Rosales: Moraceae
Jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham) Glass - Arecales: Arecaceae
Paineira	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hill) - Malvales: Malvaceae
Palmeira-imperial	<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O.F.Cook - Arecales: Arecaceae
Pau-brasil	<i>Paubrasilia echinata</i> (Lam.) Gagnon, H.C. Lima & G.P. Lewis - Fabales: Fabaceae
Sabão-de-soldado	<i>Sapindus saponaria</i> (Linnaeus) - Sapindales: Sapindaceae
Tamarindeiro	<i>Tamarindus indica</i> (Linnaeus) - Fabales: Fabaceae
Tipuana	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze - Fabales: Fabaceae

Tabela 2: Principais representantes da fauna presentes no Parque Urbano Campo de Santana, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Elaborado por Ana Paula da Silva Costa para este trabalho, 2025.

Classe	Animal (is)
Aves	Bem-te-vi [<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766) – Passeriformes: Tyrannidae] Bico-de-lacre [<i>Estrilda astrild</i> (Linnaeus, 1758) – Passeriformes: Estrildidae] Canário-da-terra [<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766) – Passeriformes: Thraupidae] Cisne-negro [<i>Cygnus atratus</i> (Latham, 1790) – Anseriformes: Anatidae]

	Ganso-africano [<i>Anser cygnoides</i> (Linnaeus, 1758) – Anseriformes: Anatidae] Ganso-doméstico [<i>Anser anser domesticus</i> (Linnaeus, 1758) – Anseriformes: Anatidae] Garça-branca-grande [<i>Ardea alba</i> (Linnaeus, 1758) – Pelecaniformes: Ardeidae] Garça-moura [<i>Ardea cocoi</i> (Linnaeus, 1766) – Pelecaniformes: Ardeidae] Gavião-asa-de-telha [<i>Parabuteo unicinctus</i> (Temminck, 1827) – Accipitriformes: Accipitridae] João-de-barro [<i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788) – Passeriformes: Furnariidae] Marreco irerê [<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766) – Anseriformes: Anatidae] Pardal [<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758) – Passeriformes: Passeridae] Pato-do-mato [<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758 – Anseriformes: Anatidae] Pato-doméstico [<i>Anas platyrhynchos domesticus</i> (Linnaeus, 1758) – Anseriformes: Anatidae] Pavão [<i>Pavo cristatus</i> (Linnaeus, 1758) – Galliformes: Phasianidae] Periquito-maracanã [<i>Psittacara leucophthalmus</i> (Satius Muller, 1776) – Psittaciformes: Psittacidae] Rolinha [<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1810) – Columbidae: Columbidae] Sabiá [<i>Turdus rufiventris</i> (Vieillot, 1818) – Passeriformes: Turdidae] Sanhaço-cinzento [<i>Thraupis sayaca</i> (Linnaeus, 1766) – Passeriformes: Thraupidae] Suiriri [<i>Tyrannys melancholicus</i> (Vieillot, 1819) – Passeriformes: Tyrannidae] Tiê-preto [<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822) – Passeriformes: Thraupidae]
--	--

	Tiê-sangue [<i>Ramphocelus bresilia</i> (Linnaeus, 1766) – Passeriformes: Thraupidae] Urubu-preto [<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793) – Cathartiformes: Cathartidae] Viuvinha [<i>Fluvicola nengeta</i> (Linnaeus, 1766) – Passeriformes: Tyrannidae]
Insetos	Abelha-europeia [<i>Apis mellifera</i> (Linnaeus, 1758) – Hymenoptera: Apidae]
Mamíferos	Cutia [<i>Dasyprocta leporina</i> (Linnaeus, 1758) – Rodentia: Dasyproctidae] Gambá-da-orelha-preta [<i>Didelphis aurita</i> (Wied-Neuwied, 1826) – Didelphimorphia: Didelphidae] Gato [<i>Felis catus</i> (Linnaeus, 1758) – Carnivora: Felidae] Sagui-do-tufo-branco [<i>Callithrix jacchus</i> (Linnaeus, 1758) – Primates: Callithichidae]
Peixes	Barrigudinho [<i>Jenynsia multidentata</i> (Jenyns, 1842) – Cyprinodontiformes: Anablepidae] Barrigudinho [<i>Phalloceros caudimaculatus</i> (R.F. Hensel, 1868) – Cyprinodontiformes: Poecillidae] Barrigudinho [<i>Cnesterodon decemmaculatus</i> (Jenyns, 1842) – Cyprinodontiformes: Poecillidae] Traíra [<i>Hoplias malabaricus</i> (Bloch, 1794) – Characiformes: Erythrinidae]
Quelônios	Cágado-de-barbicha [<i>Phrynops geoffroanus</i> (Schweigger, 1812) – Testudines: Chelidae]

2. OBJETIVO

2.1. Objetivo principal

O trabalho teve como objetivo geral investigar a possível influência midiática nas opiniões públicas sobre os animais, com foco nas percepções relacionadas às principais espécies encontradas no Parque Urbano Campo de Santana (Figura 2).

2.1.1. Objetivos específicos

- Identificação da mídia mais utilizada como fonte de informação sobre esses animais.
- Identificar quais das espécies apresentadas presentes no parque causam mais ou menos aversão.

2.2. Hipóteses

Para alcançar esses objetivos, foram formuladas as seguintes hipóteses:

- Hipótese 1: O animal que causa maior aversão é o gambá.
- Hipótese 2: O animal que causa menos aversão é o gato.
- Hipótese 3: As principais mídias utilizadas como fonte de informação sobre animais são os filmes e as redes sociais.

As hipóteses um e dois foram elaboradas através da observação das interações humano-animal no parque, onde gatos foram identificados como os animais que causam menos aversão, enquanto gambás causam mais. A terceira hipótese, foi resultado de revisão de literatura sobre a influência exercida pelas mídias.



Figura 2. Exemplos de espécies animais presentes no parque. A- Marreco-irerê (*Dendrocygna viduata* Linnaeus, 1766); B- Gansos domésticos (*Anser anser domesticus* Linnaeus, 1758); C- Gato (*Felis catus* Linnaeus, 1758); D- Cutia (*Dasyprocta leporina* Linnaeus, 1758); E-F Pavão-azul e Pavão-branco (não albino), ambos *Pavo cristatus* (Linnaeus, 1758). Fotos: Ana Paula da Silva Costa, 2024.

3. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foram adotados os métodos de revisão de literatura, observação e pesquisa qualitativa. A revisão de literatura ocorreu em diferentes plataformas como: **Web of Science**, **Google Acadêmico**, **Scielo**, **Academia.edu**, **ResearchGate**, **PubMed**, revista **A Bruxa**, bem como em sites de instituições universitárias. Foram feitas buscas por termos em português e em inglês, nas quais as palavras-chave utilizadas foram “animais”, “antropomorfismo”, “Campo de Santana”, “cultura popular”, “desenho animado”, “Disney”, “filmes”, “gambá”, “gato”, “influência”, “mídia”, “percepção”, “população”, “redes sociais”, “representação”, “televisão”, “TV”, “zoologia cultural”, “animals”, “cartoons”, “influence”, “mídia social” e “movies”.

Enquanto a observação das interações homem-animal foi feita dentro do Parque Urbano Campo de Santana, durante o período de junho de 2023 a dezembro de 2024, no estágio da discente.

A pesquisa qualitativa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas; por isso, priorizou-se o processo investigativo e seus significados (Gil, 2017; Borchart, 2022). A pesquisa utilizada foi classificada como descritiva, com a coleta de dados realizada por meio de questionário online, seguindo as diretrizes da **Lei n.º 13.709/2018** e as normas do **Decreto Rio n.º 49.558/2021**. O questionário foi compartilhado nas plataformas digitais: **WhatsApp**, **Facebook** e **Instagram**; utilizando o Google Formulários. O uso do questionário online foi a estratégia escolhida visando o maior alcance da pesquisa, aumentando assim o número de participantes e consequentemente o número de respostas, tornando a coleta de dados mais robusta. O questionário foi disponibilizado através do link <https://forms.gle/yViEJJ49GkTL5TGW6>.

O questionário foi composto de 18 perguntas, sendo 12 fechadas e seis abertas. A descrição do mesmo se encontra abaixo.

3.1. Descrição do questionário

(Transcrição do questionário conforme apresentado aos respondentes)

Introdução

Olá, me chamo Ana Paula, sou estudante de Ciências Biológicas - Bacharelado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e estou realizando o meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC).

O objetivo do meu trabalho é analisar a percepção pública em relação aos animais encontrados no Parque Urbano Campo de Santana, uma área verde localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, pretendo investigar se essas opiniões são influenciadas pela mídia.

Para alcançar esses objetivos, elaborei este questionário.

Sua participação é muito importante, por isso, peço que responda às perguntas com honestidade.

Caso tenha alguma dúvida por favor entre em contato pelo e-mail: ana.costa@edu.unirio.br

Termo de Privacidade

Segundo a Lei Geral da Privacidade de Dados (LGPD), **lei n.º 13.709/2018 e pelas disposições do Decreto Rio n.º 49.558/2021**, é de fundamental importância o respeito à privacidade pessoal, sendo necessário o esclarecimento do propósito da coleta e uso dos dados pessoais fornecidos.

Sendo assim este formulário tem como único objetivo a coleta e análise de dados referentes à pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Ao marcar "Sim" você concorda com o termo, e autoriza a utilização dos dados aqui fornecidos.

() Sim

() Não

Qual seu gênero de nascimento?

() Feminino

☐ Masculino

☐ Prefiro não responder

Qual a sua faixa etária?

☐ Menos de 18 anos

☐ 18 - 24 anos

☐ 25 - 34 anos

☐ 35 - 44 anos

☐ 45 a 54 anos

☐ 55 ou mais

Qual o seu nível de escolaridade?

☐ Ensino Fundamental (incompleto)

☐ Ensino Fundamental (completo)

☐ Ensino médio (incompleto)

☐ Ensino médio (completo)

☐ Graduação (incompleto)

☐ Graduação (completo)

☐ Pós-Graduação (incompleto)

☐ Pós-Graduação (completo)

☐ Prefiro não responder

Você nasceu ou mora na cidade do Rio de Janeiro?

() Sim

() Não

Você frequenta o Centro do Rio de Janeiro?

() Sim

() De vez em quando

() Não

Você conhece o campo de Santana ou Praça da República?

() Sim, frequento o campo

() Sim, mas fui poucas vezes

() Sim, mas nunca fui

() Não

Por qual nome você conhece?

() Parque Urbano Campo de Santana

() Praça da República

() Como os dois

() Não conheço

Quais animais você já viu no Parque Urbano Campo de Santana?

R:

Você considera algum desses animais **PERIGOSO**? (escolha quantas opções quiser)

() Cutia

() Pavão

() Gambá-de- orelha-preta

() Gato

() Pato doméstico

() Pato-do-mato

() Ganso-doméstico

() Ganso-africano

() Cisne-negro

() Marreco- irerê

() Garça-branca-grande

() Garça- moura

() Cágado

() Gavião-asa-de-telha

() Urubu-preto

- () Traíra
- () Sabiá- laranjeira
- () Rolinha
- () Bico-de-lacre
- () Tiê-preto
- () Tiê-sangue
- () João-de-barro
- () Sanhaço-cinzento
- () Viuvinha
- () Suiriri
- () Bem-te-vi
- () Canário-da-terra
- () Pardal
- () Periquito-maracanã
- () Sagui-do-tufo-branco
- () Tilápia
- () Barrigudinho
- () Pacu
- () Acará-açú
- () Abelha-europeia
- () Nenhum

Por que você considera esses animais **PERIGOSOS**? Se não considera nenhum deles perigoso, escreva "NENHUM".

R:

Agora, quais animais você considera **INOFENSIVOS**? (escolha quantas opções quiser)

- ☐ Cutia
- ☐ Pavão
- ☐ Gambá-de- orelha-preta
- ☐ Gato
- ☐ Pato doméstico
- ☐ Pato-do-mato
- ☐ Ganso-doméstico
- ☐ Ganso-africano
- ☐ Cisne-negro
- ☐ Marreco-irerê
- ☐ Garça-branca-grande
- ☐ Garça- moura
- ☐ Cágado
- ☐ Gavião-asa-de-telha
- ☐ Urubu-preto
- ☐ Traíra

- () Sabiá- laranjeira
- () Rolinha
- () Bico-de-lacre
- () Tiê-preto
- () Tiê-sangue
- () João-de-barro
- () Sanhaço-cinzento
- () Viuvinha
- () Suiriri
- () Bem-te-vi
- () Canário-da-terra
- () Pardal
- () Periquito-maracanã
- () Sagui-do-tufo-branco
- () Tilápia
- () Barrigudinho
- () Pacu
- () Acará-açu
- () Abelha-europeia
- () Nenhum

Por que você os considera **INOFENSIVOS**? Se não considera nenhum deles inofensivo, escreva "NENHUM".

R:

Você considera algum desses animais listados importante para o meio ambiente?
Por quê?

R:

Você lembra de alguma vez em que viu um animal sendo retratado como perigoso ou nocivo? Se sim, onde?

R:

Das alternativas abaixo em qual(is) você já viu algo sobre animais?

() Filmes

() Jornal impresso

() Livros

() Documentários

() Desenho animado

() Jornais informativos (ex: Jornal Nacional, Cidade alerta)

() Redes sociais (ex: Facebook, Instagram, Twitter (X), Youtube)

() Rádio

- ☐ Videogame
- ☐ Música
- ☐ História em quadrinhos (gibi, HQ, mangá)
- ☐ Revistas
- ☐ Nenhum

Dos estúdios de animação abaixo qual(is) você já assistiu filme?

- ☐ Disney Animation
- ☐ Pixar
- ☐ DreamWorks Animation
- ☐ Studio Ghibli
- ☐ Illumination Entertainment
- ☐ Warner Bros. Animation
- ☐ Sony Pictures Animation
- ☐ Blue Sky Studios
- ☐ Nenhum
- ☐ Outro (s)

Você acha que a mídia influencia as opiniões e atitudes da população em relação aos animais?

R:

Chegamos ao fim do questionário. Se você tiver alguma opinião para compartilhar fique à vontade aqui. Lembrando que é totalmente opcional.

R:

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo teve como metodologia inicial a observação da interação humano-animal no parque, porém, dado o tempo limitado para a sua realização, devido à necessidade de conciliar as atividades do estágio e acadêmicas, optou-se pelo uso do questionário online. Essa abordagem permitiu a coleta de um número maior de dados. Porém, no pouco tempo em que foi realizada, a observação demonstrou que os visitantes do parque parecem possuir maior afinidade pelos gatos e cutias, enquanto gambás e gansos despertavam aversão.

Ao todo, foram obtidas 81 respostas, sendo 78 (96,3%) “Sim” e três (3,7%) “Não”, referentes à questão “Ao marcar ‘Sim’, você concorda com o termo e autoriza a utilização dos dados aqui fornecidos. Quanto ao gênero dos 78 respondentes, 53 (67,9%) eram do gênero feminino, 24 (30,8%) do masculino e um (1,3%) preferiu não responder (Figura 3). Dentre esses a maioria (25) pertencem à faixa etária de 25 a 34 anos (32,1%), seguidos por 20 (25,6%) com idades entre 18 e 24 anos; 14 (17,9%) com 55 anos ou mais; 10 (12,8%) entre 35 e 44 anos; 8 (10,3%) entre 45 e 54 anos; e apenas 1 (1,3%) com menos de 18 anos, como demonstrado na Figura 3.

Para Apostol *et al.* (2013), o gênero é um bom preditor de atitudes no que diz respeito aos animais, visto que mulheres apresentam maior empatia e preocupação com o sofrimento animal, mantendo atitudes positivas, estando mais engajadas na proteção animal e sendo menos propensas a exploração, crueldade animal e abuso, devido a empatia por esses animais, por possuírem um animal de companhia e por crenças antropomórficas. Seguindo esse raciocínio, os homens tendem a basear-se mais em julgamentos de utilidade, apresentando menor preocupação com o bem-estar animal – tanto no que se refere à adoção de medidas de proteção, quanto à sensibilidade em relação ao uso de animais por humanos (Herzog et al., 1991; Serpell, 2004; Connor & Lawrence, 2017).

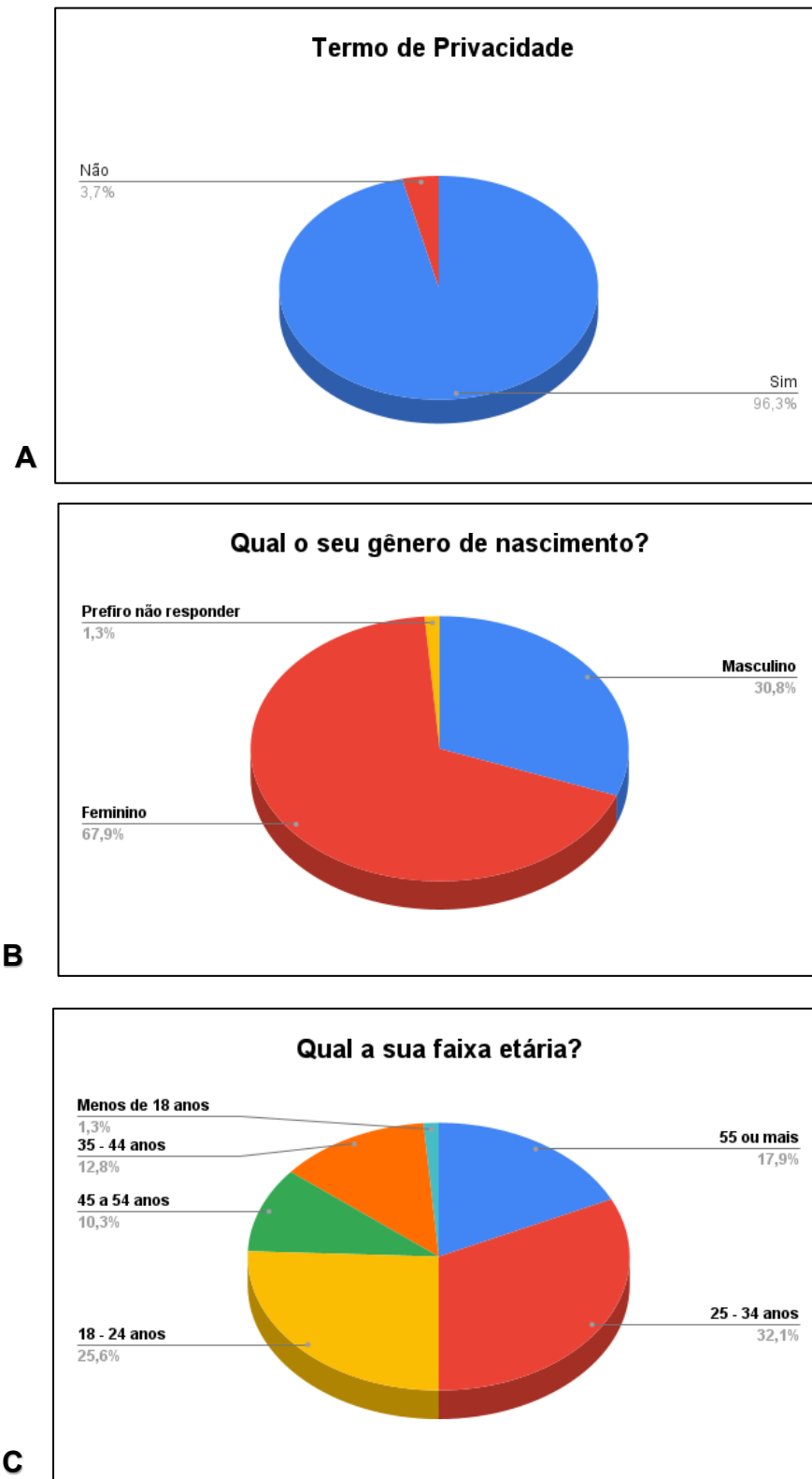


Figura 3. Gráficos relacionados às respostas obtidas no questionário do estudo. A- Termo de privacidade; B- Gênero de nascimento; C- Faixa etária.

No que diz respeito ao nível educacional, os resultados indicam que 34 (43,6 %) dos respondentes têm graduação incompleta, seguidos por 24 (30,8%) com pós-graduação, 10 (12,8%) com graduação completa, 5 (6,4%) com ensino médio completo, quatro (5,1%) com pós-graduação incompleta, um com ensino médio e nenhum participante nas demais categorias (Figura 4).

Dentre os respondentes, 66 (84,6%) nasceram ou residem na cidade do Rio de Janeiro, enquanto 12 (15,4%) não. Quanto à frequência no bairro do Centro, 36 (46,2%) pessoas visitam a área de vez em quando, 25 (32,1%) são frequentadores regulares e 17 (21,8%) não costumam frequentar (Figura 4).

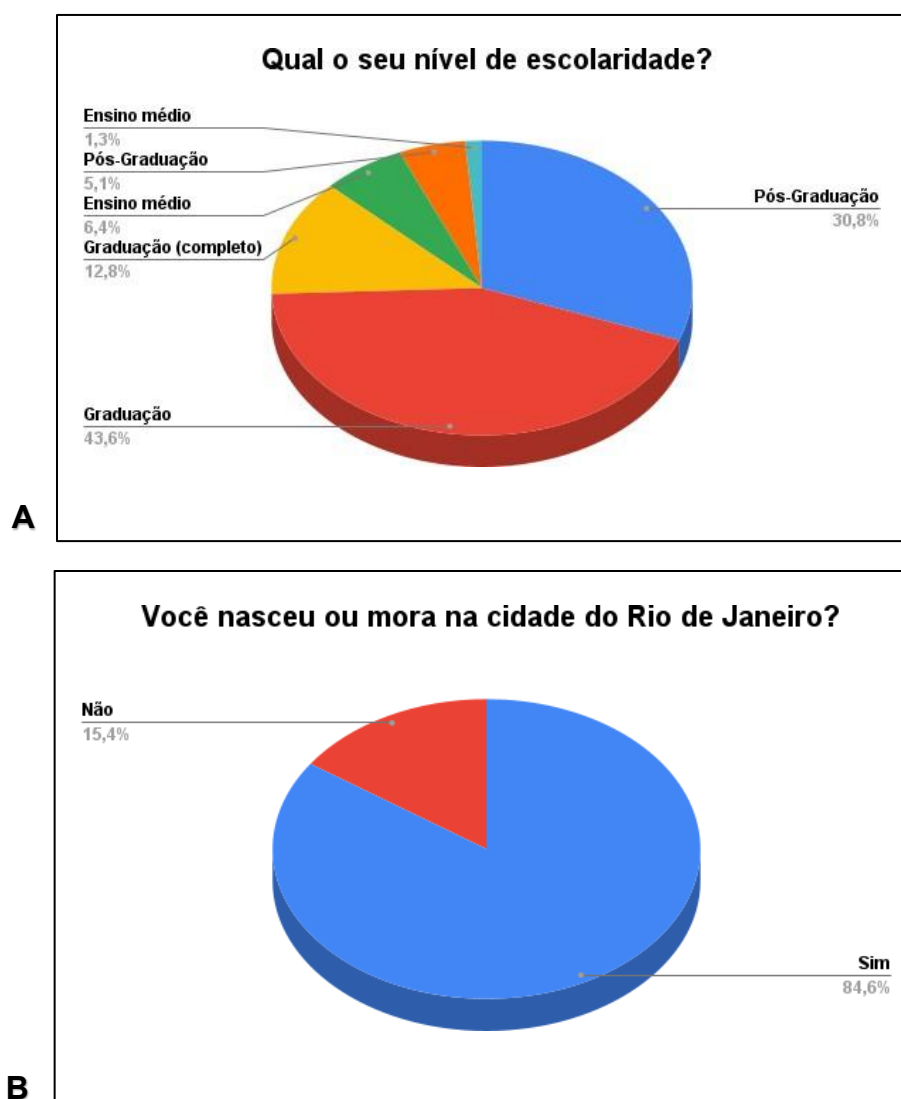


Figura 4. Gráficos relacionados às respostas obtidas no questionário do estudo. A- Nível de escolaridade; B- Nascimento ou moradia na cidade do Rio de Janeiro.

Já em relação ao Campo de Santana, 50 (64,1%) conhecem o local, mas apenas o visitaram algumas vezes; 12 (15,4%) conhecem, mas nunca frequentaram; 9 (11,5%) frequentam regularmente, e 7 (9%) não conhecem (Figura 5). Já no que diz respeito aos nomes pelos quais o local é conhecido, 43 (55,1%) pessoas o identificam como Parque Urbano Campo de Santana, 18 (23,1%) como Campo de Santana/Praça da República, 9 (11,5%) como Praça da República e 8 (10,3%) não conhecem nenhum dos nomes (Figura 5). Além disso, uma pessoa mencionou no campo para opiniões ao final do questionário que o conhece como Praça das Cutias.

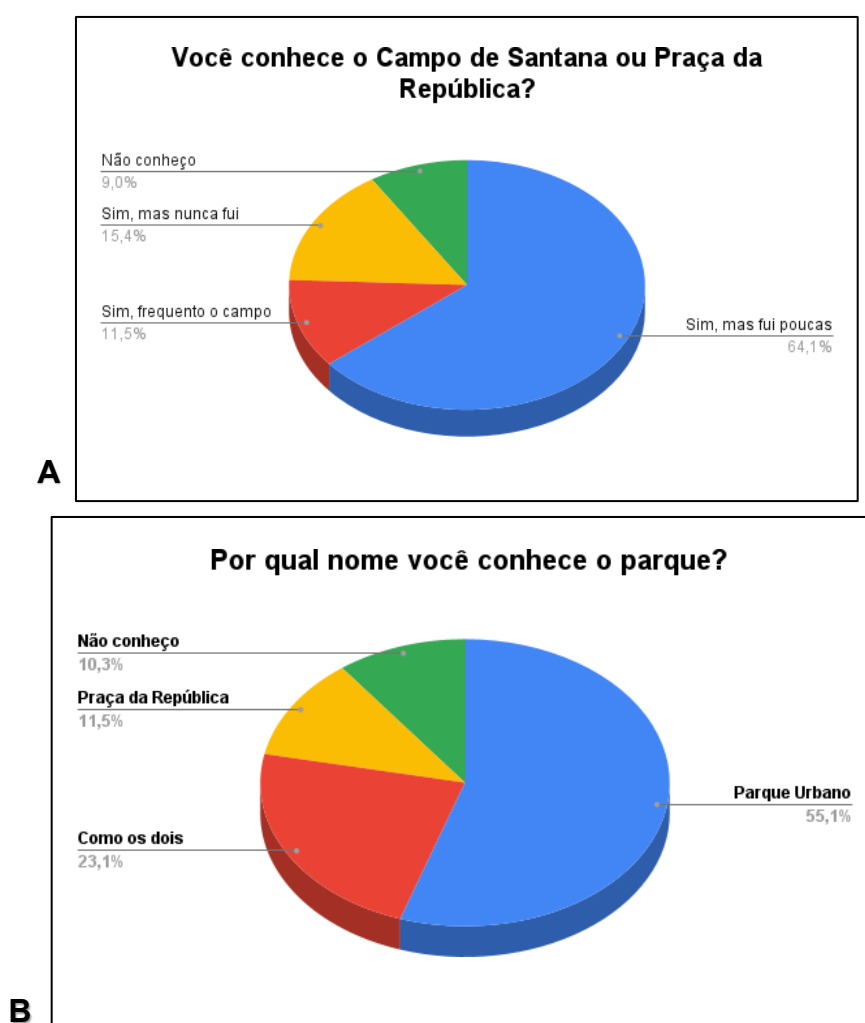


Figura 5. Gráficos relacionados às respostas obtidas no questionário do estudo. A- Conhecimento sobre o parque; B- Por qual nome os participantes conhecem o parque.

4.1. Seção Animais

Quando perguntados quais animais já avistaram no parque os participantes responderam que viram: cutia (46), gato (46), capivara (8), aves (aqui foram citados pássaros (8), rolinha (4), marreco irerê (3), gavião (2), galo (2), peru (1), pato (40), pavão (24), ganso (14), pombo (13), garça (9), marreco (1), sabiá (1), bem-te-vi (10), pardal (1), canário (1), periquito (1), galinha d'angola (1) e cisne (7)), répteis (cágado (1) e tartaruga (1)), gambá (7), cachorro (7), mico (6), peixe (4), barrigudinho (2), abelha (2), coelho (3), camundongo (2), urubu (2), insetos (borboleta (2), mosca (2), mosquito e abelha (2), vagalume (1) e maruins (1)), minhoca (1), esquilo (1), quati (1) e paca (1). Nessa questão cinco participantes relataram nunca ter ido ao parque, logo não citaram nenhum animal. O que sugere a falta de conhecimento por parte dos participantes sobre as espécies que habitam o local, visto que as espécies capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris* Linnaeus, 1766 – Rodentia: Caviidae); peru (*Meleagris gallopavo*, Linnaeus, 1758 - Galiformes: Phasianidae); galinha-d'angola (*Numida meleagris* Linnaeus, 1764 - Galiformes: Numididae); cachorro (*Canis familiaris* Linnaeus, 1758 - Carnivora: Canidae); coelho (*Sylvilagus brasiliensis* Linnaeus, 1758 - Lagomorpha: Leporidae); camundongo (*Mus musculus*, Linnaeus, 1758 - Rodentia: Muridae); esquilo (*Guerlinguetus aestuans*, Linnaeus, 1766 - Rodentia: Sciurinae); quati (*Nasua nasua* Linnaeus, 1766 - Carnivora: Procyonidae) e paca (*Cuniculus paca* Linnaeus, 1766 - Rodentia: Cuniculidae) não habitam o local. No caso das capivaras, sua menção pode estar relacionada à semelhança física com as cutias e pela representação carismática que recebem pelas mídias. No entanto, elas diferem em alguns aspectos: as capivaras (Figura 6) são significativamente maiores, sendo o maior roedor do mundo, com peso de até 65 kg e comprimento de 1,3m, são animais sociáveis (costumam viver em grupos), habitam ambientes aquáticos, como lagoas e alimentando-se principalmente de plantas aquáticas e gramíneas. Já as cutias são menores, pesando até 4kg e medindo cerca de 50cm, são menos sociáveis, vivem em florestas e preferem ambientes terrestres, sendo vistas sozinhas ou em pequenos grupos e embora também sejam herbívoras, sua dieta inclui frutas, raízes, legumes e sementes.



Figura 6. Semelhanças e diferenças entre os roedores. A- Cutia (*Dasyprocta leporina*); B- Capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) Fonte: A-©Ana Paula Costa; B- © Bruce Kirchoff.

4.2. Periculosidade x Inofensividade

Em relação à pergunta “Você considera algum desses animais PERIGOSO? (escolha quantas opções quiser)”, 44 participantes responderam que não consideram nenhum dos animais listados perigosos (Figura 7). Dentre os animais citados como perigosos foram votados: cágado (2), tiê-preto (2), tiê-sangue (2), suiriri (2), tilápia (2), pacu(2) aracá-açu (2), canário-da-terra (3), marreco-irerê (3), garça-moura (3), sabiá-laranjeira (3), bico-de-lacre (3), sanhaço-cinzento (3), pardal (3),

periquito-maracanã (3), barrigudinho (3), viuvinha (3), garça-branca-grande (4), traíra (4), rolinha (4), joão-de-barro (4), bem-te-vi (4), cutia (5), pavão (5), pato-doméstico (6), sagui-de-tufo-branco (6), pato-d-mato (7), cisne-negro (8), urubu-preto (8), gambá-de-orelha-preta (10), gato (10), ganso- doméstico (11), gavião-asa-de-telha (12), ganso-africano (16), abelha-europeia (22). Contrariando as expectativas, o animal considerado mais perigoso foi a abelha-europeia, seguida pelo ganso-africano, gavião-asa-de-telha, ganso-doméstico e gambá-de-orelha-preta, que se supunha ser o considerado mais perigoso.

Na pergunta seguinte “Por que você considera esses animais **PERIGOSOS**? Se não considera nenhum deles perigoso, escreva “NENHUM”, entre as razões citadas estão: agressividade, ataque, transmissão de doenças, medo e defesa, conforme demonstrado na Tabela 3. Apenas sete participantes não consideraram nenhum animal perigoso. A agressividade, mencionando comportamentos como territorialismo e tendência de alguns animais como os gansos de correr atrás das pessoas se alinha com os estudos que indicam que a percepção de conforto em relação aos animais varia entre os gêneros, onde mulheres, por exemplo, demonstram menos conforto com animais que possuem reputações negativas como sapos, cobras e aranhas e os gansos citados na pesquisa (Herzog et al., 1991; Connor & Lawrence, 2017). Quanto ao ataque, como a mordida de um gato e a picada de abelha mencionadas, a crença de que certos animais atacam por instinto ou para se defender também foi ressaltada.

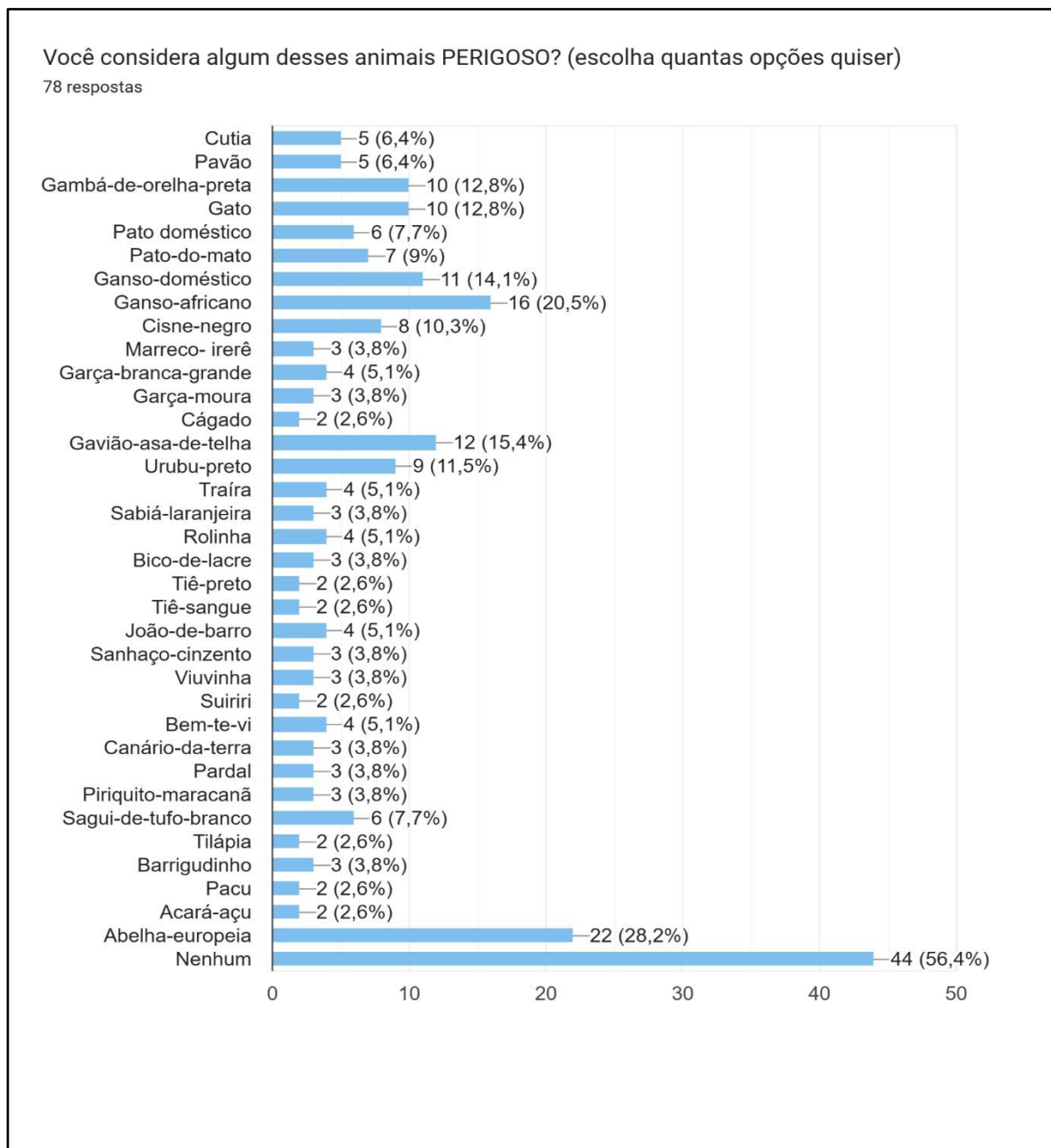


Figura 7. Contagem de animais considerados perigosos pelos participantes. Fonte: Questionário da pesquisa, 2025.

A transmissão de doenças foi outra preocupação significativa, com participantes citando gatos, gambás e saguis como potenciais transmissores, o que de fato é verdade visto que mamíferos são os principais hospedeiros de vírus zoonóticos (Kuno *et al.*, 2017; Carneiro *et al.*, 2019).

O gambá, por exemplo, é uma espécie generalista com alta capacidade de se proliferar e adaptar ao ambiente antrópico (ambientes com ação e presença humana), e interagir com outros animais sinantrópicos (animais que habitam ambientes onde há presença humana), domésticos ou humanos. O fluxo de patógenos criados por essas interações pode contribuir para a ocorrência de transbordamentos de patógenos humanos (Barros & Azevedo, 2014; Abdala *et al.*, 2015; Cáceres *et al.*, 2016; Janes *et al.*, 2017; Kuhnen *et al.*, 2017; Carneiro *et al.*, 2019). Vale ressaltar que os indivíduos da ordem Didelphimorphia compreendida pela espécie ocorrente no parque (*Didelphis aurita* - gambá comum brasileiro) desempenha um importante papel ecológico na dispersão de sementes (Cáceres *et al.*, 2016; Carneiro *et al.*, 2019) e controle de pragas. Por serem animais onívoros, se alimentam de frutas, legumes, vegetais, pequenos vertebrados, insetos, além de restos de alimentos e outros animais, sendo, por isso, encontrados próximos a focos de lixo, como nas lixeiras, o que contribui para a má fama de animais sujos. Sendo assim, é importante o esclarecimento, bem como a forma como esses animais são representados, devendo ser ressaltado que, apesar da possibilidade de transmissão de doenças, esses animais são importantes e devem ser preservados.

O medo relacionado ao tamanho do pavão e a alergia da picada de abelha foram mencionados, o que indica que fatores como sentimentos, opiniões, percepções e/ou experiências pessoais podem influenciar a percepção do possível perigo que um animal possa apresentar. E por fim, a defesa quando se sentirem ameaçados foi citada como justificativa para a periculosidade do animal, indicando que há um certo grau de conhecimento sobre o comportamento animal dos indivíduos citados.

Tabela 3. Questionamento sobre a perigosidade dos animais: "Por que você considera esses animais PERIGOSOS? Se não considera nenhum deles perigoso, escreva 'NENHUM'. Fonte: Questionário da pesquisa, 2025.

Razão	Justificativa	Animal citado
Agressividade	-Territorialistas - Andam em bando - Correm atrás - Bicom	Gansos
Ataque	-Picada -Bico serrilhado	Ganso, cisne, abelha, gato e gavião-asa-de-telha

	-Mordida -Por instinto -Para se proteger -Por ser ave de rapina -Por acreditar no senso comum de que o animal ataca	
Transmissão de doenças	-Mordida - Hábito de cavar	Gato, gambá e sagui
Medo	-Tamanho -Possuir alergia ao animal	Abelha e pavão
Defesa	- Por poder atacar para se defender	Todos

Enquanto na pergunta “Agora, quais animais você considera INOFENSIVOS? (escolha quantas opções quiser)”, 10 respostas indicaram que nenhum dos animais é inofensivo. O animal considerado mais inofensivo foi o barrigudinho, com 67 votos, seguido por sabiá-laranjeira, bem-te-vi, canário-da-terra, cutia, pavão e tilápia, todos com 66 votos; cágado e pato doméstico, com 65 votos; pacu, bico-de-lacre, pardal, periquito-maracanã e rolinha, todos com 64 votos; suiriri, sanhaço-cinzento, viuvinha e acara-açú, todos com 63 votos; tiê-preto e tiê sangue, com 62 votos; pato-do-mato, cisne-negro, traíra e João-de-barro, todos com 61 votos; gato e garça-branca-grande, com 60 votos; garça-moura, com 59 votos; marreco-irerê, com 57 votos; ganso-doméstico, com 56 votos; gambá-de-orelha-preta e sagui-de-tufo-branco, com 55 votos; urubu-preto, com 53 votos; ganso-africano, com 48 votos; gavião-asa-de-telha, com 47 votos; e abelha-europeia, com 34 votos conforme ilustrado na Figura 8.

De forma semelhante à questão sobre a periculosidade, as expectativas sobre qual animal seria considerado o mais inofensivo foram contrariadas, uma vez que o barrigudinho foi o escolhido em vez do gato, que, embora tenha recebido uma quantidade significativa de votos, não foi o mais indicado. Entre as justificativas, apenas três das 10 pessoas que votaram por “Nenhum” explicaram sua escolha, afirmando que apenas não consideram nenhum dos animais inofensivos. Os demais respondentes justificaram o caráter inofensivo com base nas características como: aparência fofa, dócil e meiga; o fato de não morderem ou atacar; a ausência de

transmissão de doenças; a convivência harmoniosa entre si e com os humanos; a inexistência de relatos conhecidos de ataques a humanos; a ausência de risco ao ser humano; a falta de aparato de caça; ao fato do habitat em que se encontram não oferecer perigo, além do comportamento de atacar apenas quando se sentirem ameaçados ou provocados.

Como citado anteriormente pode-se perceber que as experiências pessoais e fatores subjetivos influenciam a percepção do possível perigo que um animal pode apresentar. Nesse contexto, a forma como são representados é muito importante, uma vez que o contato com esses animais é feito predominantemente por meio das diferentes mídias. Cabe salientar que a análise das justificativas dos participantes indica que a pesquisa deveria ter incluído espaços na pergunta para que os indivíduos pudessem mencionar os animais diretamente.

Quando questionados se consideravam algum dos animais listados importante para o meio ambiente e o porquê os participantes, em sua maioria, consideram todos importantes, com destaque para a abelha devido a polinização. Dentre as razões estavam: equilíbrio do ecossistema; polinização; interações animais; controle de doenças e importância para a cadeia alimentar. Dentre as respostas apenas uma destoou das demais onde o respondente disse que não possuía conhecimento sobre a importância ecológica sobre quase nenhum dos animais listados, mas sabia que muitos são espécies invasoras/pragas/exóticos e causam problemas de manejo para o meio ambiente local. Citando também que por se tratar de um parque urbano não sabia dizer se eram animais problemáticos, importantes ou nenhum dos dois.

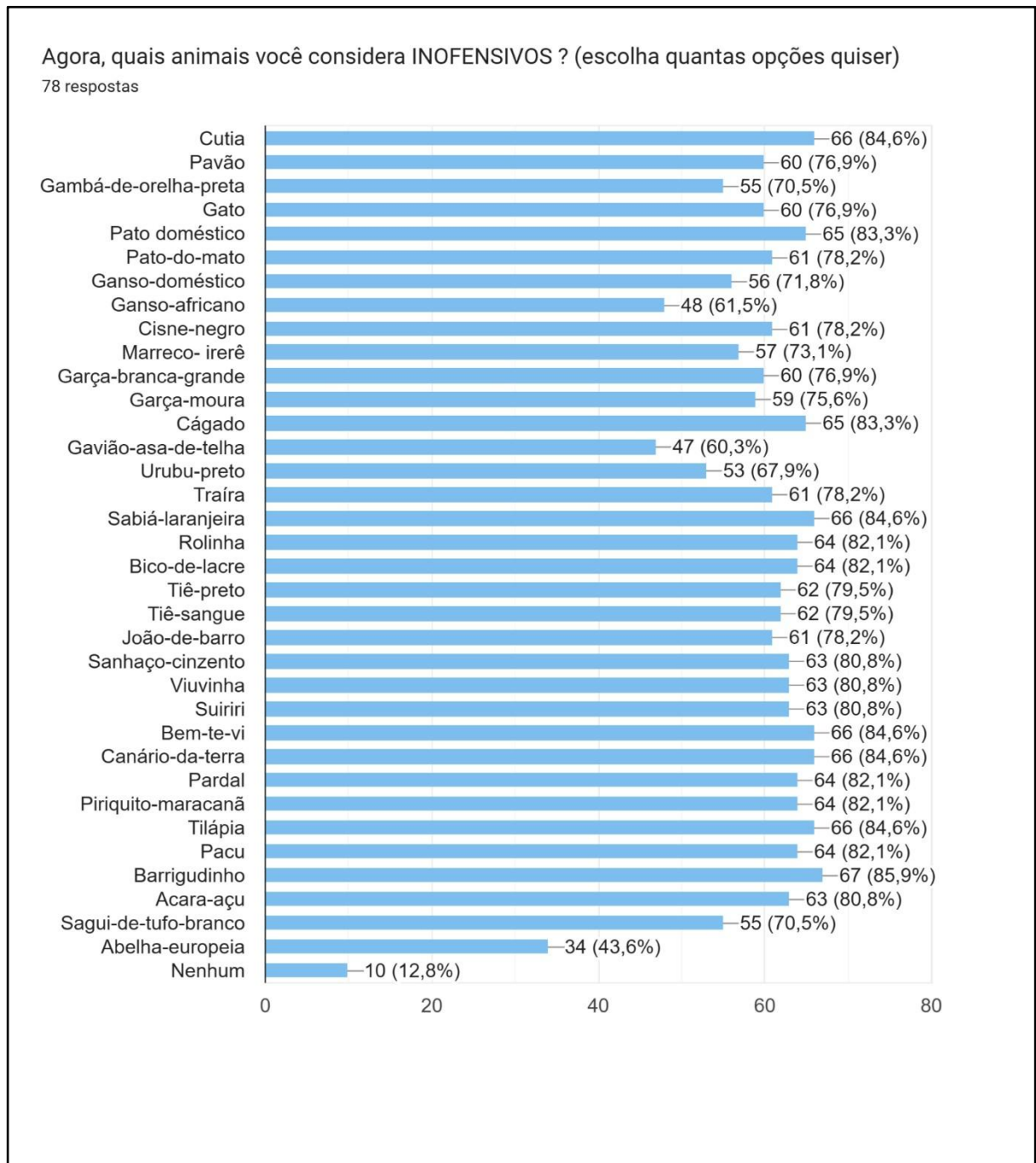


Figura 8. Contagem de animais considerados inofensivos pelos participantes. Fonte: Estudo, 2025.

4.3. Seção Mídia

Na seção mídia, começando com a pergunta “Você lembra de alguma vez em que viu um animal sendo retratado como perigoso ou nocivo? Se sim, onde?”, houve 48 respostas “Sim”, 24 “Não” e seis “Não lembro”. Entre os que afirmaram “sim” foram citados como “onde”: filmes (9), televisão (5), jornal (4), avisos em parques/trilhas (1), redes sociais (5), internet (4), reportagens (2), mensagens em grupos (1), desenho animado (1), página de notícias de bairro (1), X/Twitter (1), documentário sobre natureza (1), séries (1), mídia (3), globo repórter (1), livro (1), quadrinhos (1), faculdade (1), campanhas sobre prevenção de doenças (1) e *fake News* (2). Nesse contexto foram mencionados os animais: aracnídeo (1), cachorros (2), aqui uma das respostas especificou o Pitbull), capivara (1), cobra (5), escorpião (2), gambá (1), gato (3), gavião (1), inseto (3, sendo 1 abelha), jacaré (2), leão (1), lobo (1), macaco (4, foram citados aqui um sagui e um macaco-prego), pombo (3), rato (1), rolinhas (1), tubarão (5) e urso (1).

Já na pergunta seguinte “Das alternativas abaixo em qual(is) você já viu algo sobre animais?”, a maioria dos votos foram para os filmes, confirmando assim a hipótese inicial de que essa mídia possui potencial influenciador sobre os espectadores (Figura 9).

Das alternativas abaixo em qual(is) você já viu algo sobre animais?

78 respostas

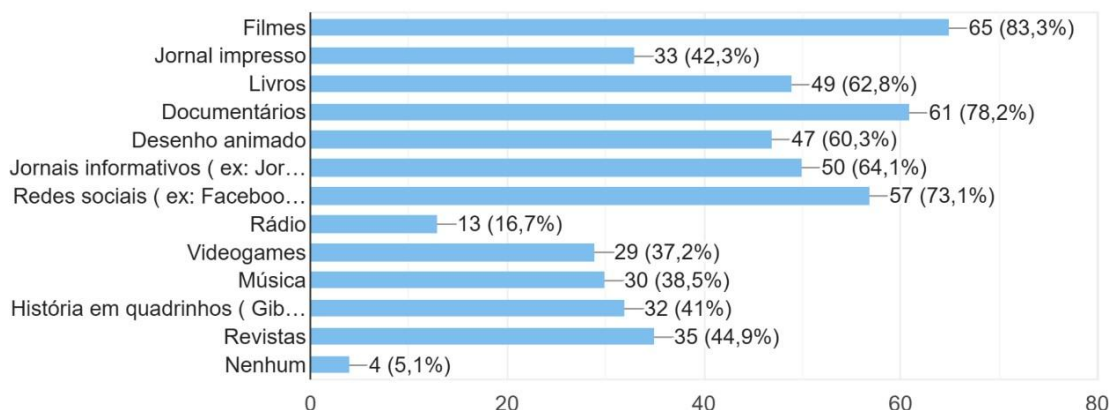


Figura 9. Mídias em que os participantes relataram ter visto algo sobre os animais. Fonte: Questionário da pesquisa, 2025.

Dentre os estúdios de animação onde já se assistiram filmes com temática animal (Figura 10), se destacam os estúdios **Disney Animation, Warner Bros. Animation, Dreamworks Animation** e **Pixar**. Segundo Vizachri (2014) os filmes de animação estão entre as produções mais conhecidas que usam da figura dos animais de forma excessiva, sendo antes destinados ao público infantil, mas atualmente fazendo sucesso também entre adultos. Usando de atrativos como tecnologia, criatividade e mensagem que desejam transmitir, sendo raras as vezes que o animal não é retratado como personagem principal estabelecendo interações com humanos ou os substituindo completamente, se utilizando de características humanas em um processo de antropomorfização.

Dos estúdios de animação abaixo qual(is) você já assistiu filme?

78 respostas

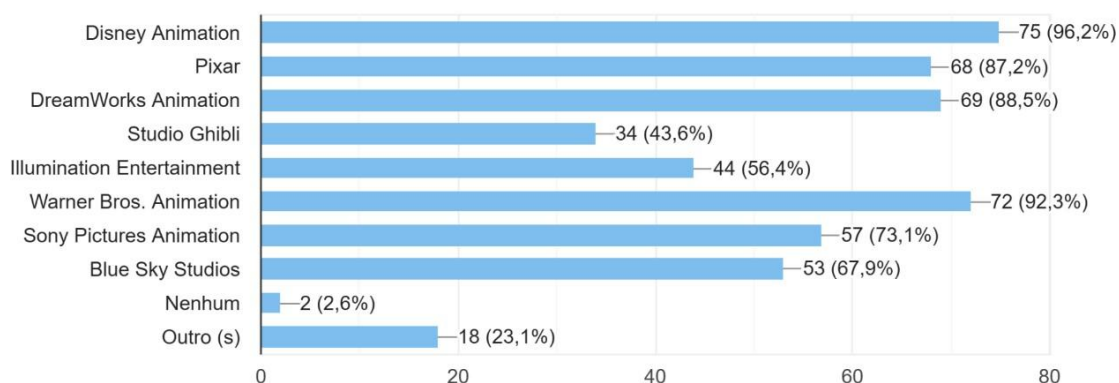


Figura 10. Estúdios de animação mais conhecidos pelos participantes. Fonte: Questionário da pesquisa, 2025.

Na última questão da sessão média foi questionada a opinião sobre se a mídia exerce ou não influência nas opiniões e atitudes da população em relação aos animais. Dos respondentes, 74 responderam que “Sim”, um respondeu “Um pouco”, um “Nem sempre”, um “Sim e não. As mídias criam um estereótipo sobre determinados animais, mas é apenas um “ponto de vista”, e um “Não. Pelo contrário, a mídia apoia os animais”. Entre os argumento que justificaram a resposta “Sim” se destacam: influenciam de forma negativa (1); influenciam completamente (1); transmitem informações incompletas (1); a maneira inadequada de como a informação é apresentada (1); certamente influenciam (1); há influência de forma direta e indireta (1); em filmes; retratam os animais de maneira errônea (1); questões de identidade e preconceitos (1); pelas redes sociais (1); a representação de animais em desenhos animados e em filmes como “Tom e Jerry” e “Tubarão” (2) ; e podem influenciar positivamente e negativamente (1).

4.4. Mídia e sua influência

Conforme mencionado na introdução, as formas tradicionais de mídia e as diferentes redes sociais podem impactar significativamente o olhar do público, o que leva a preocupação das informações por ela disseminadas serem verdadeiras e coerentes. Uma vez que muitas pessoas não têm a oportunidade de ver animais não domesticados na natureza, portanto a percepção desses animais é moldada pelo que consomem sobre estes nas mídias, sendo a maneira como esses animais são representados determinante de percepção e comportamento em relação a eles (van der Meer *et al.*, 2019; Grasso *et al.*, 2020). Para Ostrovski *et al.* (2021), mesmo os documentários, que normalmente buscam a retratação realista de um animal, por vezes apresentam dramatizações e aplicam técnicas cinematográficas, como “close-ups”, para transmitir a sensação de intimidação de certos animais, sendo essas práticas estimuladas pelos próprios cineastas, o que resulta em uma representação *hollywoodiana* (cinematográfica).

Já Megias *et al.* (2017) afirma que entre as mídias, os filmes infantis, têm sido destacados como uma das principais formas de contato entre o público e os animais, onde estes apresentam determinadas espécies, sugerindo assim que eles podem impactar o comércio de vida selvagem, despertando no público um interesse de os adquirir. Um exemplo disso é o filme **Procurando Nemo** (2003), dos estúdios Pixar, que mesmo abordando questões sobre conservação marinha e atenção sobre o comércio de animais de estimação, o que pode ter contribuído para o aumento do comércio de peixes-palhaço (*Amphiprion* spp.- Perciformes: Pomacentridae), espécie do personagem principal.

Os animais não humanos também possuem sua imagem associada a marcas, onde aparecem como mascotes com fins de publicidade e marketing, sendo apresentados antropomorfizados, o que aumenta o reconhecimento da marca e consequente as vendas, sendo frequentemente utilizados pela sua eficiência na apresentação de determinada marca em estabelecimentos comerciais (Lloyd & Woodside, 2013; Pomering & Frostling-Henningsson, 2014; Laksmidewi *et al.*, 2017), como por exemplo Chester Cheetah (salgadinho Cheetos) e O Tigre Tony (sucrilhos Kellogg's).

4.4.1. Estúdios de animação

No que diz respeito a filmes e desenhos animados voltados para o público infantil, se destacam, como principais distribuidores desse tipo de produções, os grupos *Walt Disney*, *Pixar*, *Warner Brothers*, *Hanna Barbera*, entre outros. Nesse contexto, a Disney, como uma empresa tradicional de animação fundada em 1923, é amplamente conhecida e referenciada quando se trata de filmes infantis com representatividade animal (Figura 11), onde as frases “filme sobre natureza” e “filme sobre vida selvagem”, muitas vezes, se encontram associadas com as suas produções. É importante ressaltar que seus filmes frequentemente não retratam fielmente a natureza, tentando ao invés disso, se concentrar em aspectos superficiais estéticos, o que tem recebido críticas por parte da comunidade científica. Fato preocupante, uma vez que os filmes por ela produzidos fazem parte da infância de uma grande parte da população mundial, e muitos hoje adultos, cresceram assistindo a essas produções (Vizachri & Piassi, 2014; 2017; Grasso *et al.*, 2020). Para se ter noção dessa importância, somente quatro filmes (entre os anos de 1923 e 2000), abordaram questões éticas na relação humano-animal: **Bambi** (1942) , **Dumbo** (1941), **A Dama e o vagabundo** (1955) e **101 Dálmatas** (1961). Em contrapartida de 2000 a 2013, a mesma produziu onze filmes que tratavam sobre o tema (refletindo uma mudança na abordagem): **A dama e o vagabundo II** (2001); **Mogli, o menino lobo 2** (2003); **Procurando Nemo** (2003); **Irmão urso** (2003); **Nem que a vaca tussa** (2004); **Bambi II** (2006); **Bolt** (2008); **Selvagem** (2006); **Irmão urso II** (2006); **Ratatouille** (2007); **Up – altas aventuras** (2009). Entre as quais somente *Nem que a vaca tussa* e *Bolt* não tratam da questão ética na relação humano-animal (Vizachri & Piassi, 2014, 2017; Grasso *et al.*, 2020).

Já a produtora *DreamWorks* é a que mais explora esse tipo de recurso, tendo sua primeira animação de longa-metragem lançada em 1988, **FormiguinhaZ**, que apesar de tratar sobre os dilemas próprios dos animais, não discute a ética na relação humano-animal. O estúdio lançou de 2000 até 2013, no total, nove animações que discutem a ética em relação aos animais: **A fuga das galinhas** (2000), **Spirit – o corcel indomável** (2002), **Wallace e Gromit – a batalha dos vegetais** (2005), **Madagascar** (2005), **Os sem-floresta** (2006), **Por água abaixo** (2006), **Bee Movie** (2007), **Madagascar 2** (2008) e **Madagascar 3** (2012). Por sua vez a Pixar, não se utiliza tanto de antropomorfismo animal, mas sim de antropomorfismo de carros,

objetos, brinquedos e máquinas, produzindo de 2000 a 2014 apenas dois filmes em que humanos eram o centro da história sendo eles: **Os Incríveis** (2004) e **Valente** (2012). Em parceria com a Disney produziu o filme **Up: altas aventuras** (2009) que apesar de possuir enredo direcionado a dramas humanos, como urbanização, morte e envelhecimento, trata também sobre a busca da ave exótica Kevin uma narceja o qual possui uma representação errônea, visto que foi inspirado no faisão-do-nepal e não em uma narceja verdadeira (Vizachri, 2014, 2017; Grasso *et al.*, 2020).



Figura 11. Exemplos de filmes da Disney com presença animal. Fonte: divulgação - Google Imagens, 2024.

4.4.2. Representação animal

Animais que normalmente são considerados como “fofos e/ou bonitinhos”, são geralmente retratados de forma positiva, assumindo papéis de protagonistas estando entre os personagens considerados bons e admiráveis, enquanto animais de fazenda, como vacas, porcos, ovelhas, entre outros), costumam ser retratados como insignificantes ou “neutros”, com menos tempo de tela. Já animais selvagens como cobras e tubarões são frequentemente rotulados como, maus, agressivos e vilões (Grasso *et al.*, 2020). Weir & Kessler (2022) ressaltam o papel significativo dos cães na consolidação da tradição do herói canino no cinema, especialmente na década de 1920, onde esses cães eram retratados como fortes, leais, afetuosos e corajosos, sempre salvando o dia, mostrando assim como essa representação contribuiu para a construção da imagem positiva dos cães na cultura popular.

Por outro lado répteis, principalmente as serpentes, são considerados animais não-carismáticos, sendo frequentemente representados como cruéis, traidores, desleais, prepotentes, traiçoeiros e gananciosos. Os personagens Hiss de **Robin Hood** (Walt Disney Animation Studios, 1973) e Kaa de **Mogli: o menino lobo** (Walt Disney Animation Studios, 1967) são exemplos disso. No entanto, há exceções como os personagens Juju de **A princesa e o sapo** (Walt Disney Animation Studios, 2006), retratada como leal e companheira, Víper de **Kung Fu Panda** (DreamWorks Animation, 2008), retratada como simpática e companheira, e Larry de **Selvagem** (Buena Vista International e C.O.R.E Animation, 2006), que é atrapalhado, amigável e empático (Lima *et al.*, 2023).

Nesse contexto os tubarões também são comumente retratados de forma negativa. No caso dos condrictes a má fama se fortaleceu após o lançamento do filme **Tubarão** (1975), dirigido pelo famoso diretor Steven Spielberg, onde o animal era retratado como uma máquina assassina, o que impactou na conservação da espécie, levando a caças indiscriminadas. Filmes como **Medo profundo** (2017) e **Águas rasas** (2016), continuam a enfatizar os aspectos negativos e perigosos dos tubarões. Porém há animações que buscam retratá-los de forma positiva, como em **Procurando Nemo** (2003), **O espanta tubarões** (2004) e **Baby Shark** (2016) (Ostrovski *et al.*, 2021).

4.4.3. Antropomorfismo

Do grego *anthropos* (homem) e *morphe* (forma), antropomorfismo significa o uso de características humanas para a representação de animais, objetos, natureza, deuses etc., mas ainda não há um consenso sobre o conceito definido (Root-Bernstein *et al.*, 2013; Vizachri, 2014). Para Baptistella (2021) a atribuição de comportamentos e emoções aos animais por meio de atitudes e gestos não deve ser simplificada como mera projeção onde o conhecimento científico e a convivência com esses indivíduos revelam características como comunicação, inteligência, afetividade e senso moral.

Grasso *et al.* (2020) afirmam que o uso intensivo de estratégias antropomórficas é um fator reconhecido relacionado aos meios de comunicação que contribui para a disseminação de compreensão e percepção distorcidas do mundo natural, onde o objetivo é a transmissão de mensagens culturais bem como anunciar ou promover filmes e televisão usando figuras animais humanizadas. Os autores também abordam que o antropomorfismo é utilizado nas comunicações da mídia em massa, definindo-o como a representação de objetos animados ou não animados com características e movimentos puramente humanos, alertando para o uso excessivo dessas estratégias na mídia, como a humanização de animais, que pode distorcer a percepção do mundo natural.

Eidt (2016) identificou, em seu estudo, uma diferença significativa entre as opiniões de espectadores em relação a animais classificados como “maus” e “bons” em desenhos animados com baixo nível de antropomorfismo, onde os menos antropomórficos eram mais propensos a serem avaliados como bons, sugerindo segundo o autor, que essa estratégia pode mascarar uma complexidade, na qual um animal não é identificado de maneira verdadeira como representante de sua espécie.

Já Weir & Kessler (2022) exploram a estratégia no marketing e na publicidade, especialmente o uso de animais antropomorfizados como mascotes de marcas, destacando que esses personagens são eficazes na apresentação dessas ao mercado, mencionando como exemplos as marcas Lacoste, cujo símbolo é um crocodilo, e a gata Hello Kitty (Sanrio), enfatizando que o antropomorfismo pode gerar afeição por um animal, independentemente de seu comportamento real (Figura 12).

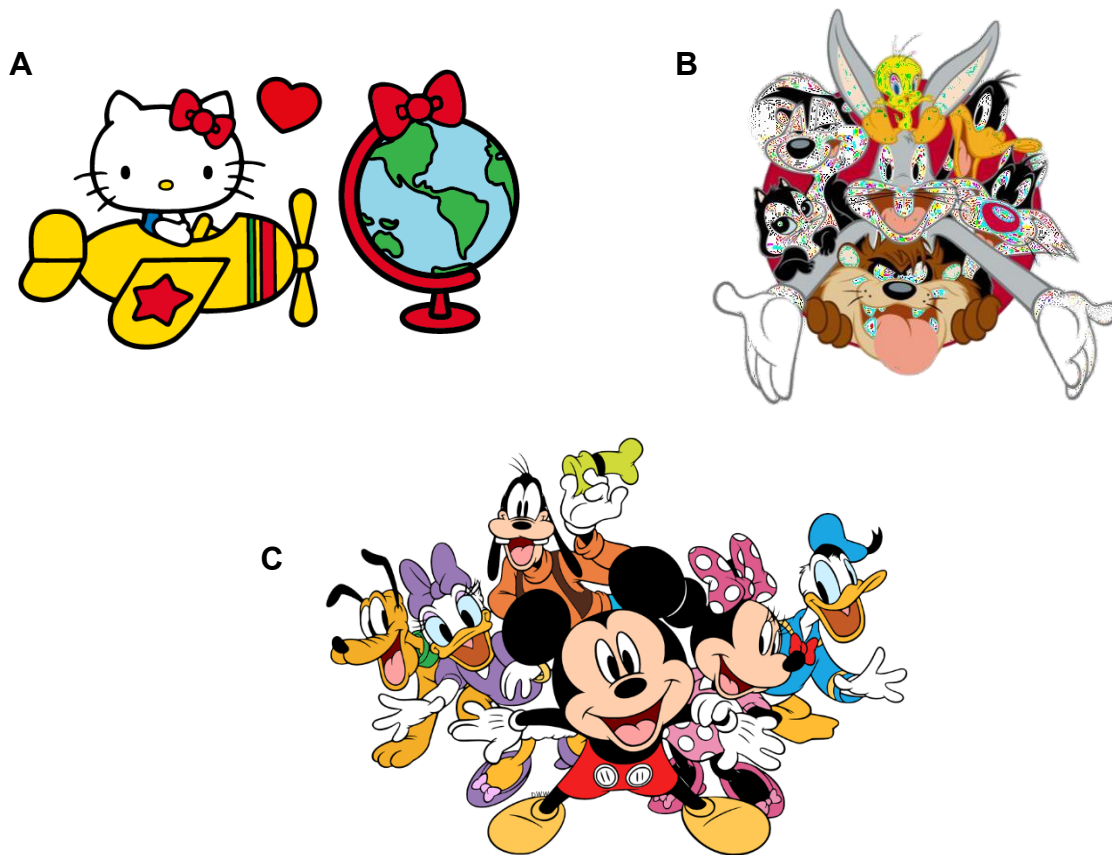


Figura 12. Exemplos de personagens antropomorfizados. A- Hello Kitty (Sanrio); B- Looney Tunes (Warner Bros. Animation), C- Mickey Mouse e amigos (Walt Disney Animation Studios) Fonte: A – sanrio.com.br; B – GoodFon (<https://www.goodfon.com/minimalism/wallpaper-looney-tunes-veselye-melodii-4983.html>); C – Disney Clips (<https://www.disneyclips.com/images/mickeyandfriends.html>).

4.3. Consequências

Mesmo com o potencial para compartilhar conteúdos ambientalmente conscientes e positivos, aumentando assim o conhecimento das pessoas sobre questões ambientais como conservação, bem-estar animal e atividades ambientais ilegais, a representação que se destaca na mídia, especialmente nos filmes voltados para o público infantil, é uma visão irrealista da natureza, onde há a predominância de cenas sensacionalistas e com foco na “megafauna carismática”, o que pode levar a uma subestimação dos riscos de extinção que algumas espécies enfrentam.

A exposição contínua a imagens distorcidas, sensacionalistas ou até mesmo quando simplesmente não são transmitidas, podem fazer com que as pessoas

tenham uma imagem errada desses indivíduos passando a perceber esses animais como entidades disponíveis para entretenimento, como por exemplo, incentivar o comércio ilegal desses e despertar desejos de morte de seus antagonistas ou predadores. Além disso a domesticação de animais silvestres pode acarretar desequilíbrio ecológico, causando a extirpação desses de seus ambientes naturais, e transmissão de doenças para humanos como raiva, toxoplasmose e leptospirose, no caso de mamíferos silvestres (van der Meer *et al.*, 2019; Grasso *et al.*, 2020; Serpa & Da-Silva, 2022).

Outro fator preocupante é a grande presença de animais exóticos na literatura infantil, visto que os livros voltados para esse público, bem como os didáticos, são muitas vezes o único contato com conteúdos biológicos que o indivíduo irá ter. Além disso seus personagens, dependendo da forma que forem retratados, podem despertar afetos e desejos, como os de possuir e cuidar dos protagonistas. Tal identificação, aumenta a aprendizagem da criança sendo uma ferramenta útil na apropriação dos conceitos ali presentes, mas por outro lado, pode dificultar a longo prazo a desconstrução de determinado conceito biológico apresentado de forma equivocada no seu processo formativo (Pinheiro & Kindel, 2013; Silva, 2014), assim reforçando a importância da valorização e conhecimento da fauna local. Nesse contexto, a educação formal pode ter efeito nas atitudes das pessoas em relação aos animais, indicando que um maior nível educacional pode refletir na adoção de atitudes mais positivas em relação a fauna (Pinheiro *et al.*, 2016; Onyishi *et al.*, 2021; Pereira *et al.*, 2023).

4.3.1. Educação Ambiental e Divulgação Científica

A biodiversidade presente em nosso país, apesar de valiosa, tem perdido seu conhecimento devido à falta de contato com a natureza e o crescente uso diário de tecnologias, onde jovens acabam construindo seus aprendizados sobre espécies exóticas introduzidas, à medida que nas escolas pouco é ensinado sobre fauna e flora locais (García & Hernández, 2004). A educação formal demonstra deficiências significativas em relação a educação científica, fator alarmante tendo em vista que grande parte da população tem o seu primeiro contato com a ciência apenas no

período escolar (no âmbito da educação formal). A precariedade do sistema educacional, bem como a alta divulgação, em geral pelos meios de comunicação e empresas, sobre flora e fauna exótica, resulta em uma desvalorização da diversidade local o que em larga escala pode afetar o indivíduo na sua inclusão na sociedade, e até mesmo influenciar em seu pleno exercício de cidadania (García & Hernández, 2004; Scherer *et al.*, 2015; Natal & Alvim, 2018).

A Educação Ambiental (EA), possui como princípio a gestão ambiental, com o objetivo de envolver os indivíduos na gestão de lugares onde estes mantenham relações cotidianas. Visando dessa forma criar uma consciência sobre questões ambientais, promovendo a sensibilidade em relação à degradação ambiental causada por atividades humanas, como poluição e mudanças climáticas. Assim permitindo que as pessoas compreendam melhor essas questões e como agir para solucioná-las, incentivando mudanças nas atitudes em relação ao meio ambiente. Buscando uma coexistência harmoniosa entre os seres humanos e a natureza (Ghosh, 2016; Araújo, 2024; Llopiz-Guerra *et al.*, 2024). Nesse contexto a conscientização acerca do ambiente em currículos escolares através de projetos dentro e fora do ambiente escolar, é importante, pois resulta na multiplicação entre gerações (atuais e futuras) da consciência ambiental, vide a situação atual do planeta, é de extrema importância. Sendo assim, se torna indispensável a conscientização sobre o papel da biodiversidade, mesmo que de forma informal, para que haja um melhoramento no convívio diário entre humanos-animais, visto que o ser humano está inserido e conectado com a natureza de diversas maneiras (Cuba, 2010; Scherer *et al.*, 2015; Pontes *et al.*, 2017).

A Educação Ambiental funciona como uma ponte entre ciência e população, a divulgação científica se propõe a disseminar a ciência, através de uma linguagem mais acessível, levando o conhecimento científico, antes restrito somente ao meio acadêmico, à diferentes grupos sociais, atuando assim no processo de democratização cultural da sociedade, demonstrando que esse pode ser interessante e útil em diferentes esferas da vida. O diálogo com a sociedade é uma questão importante para a academia científica, sendo os estudos de ciência e cultura ideais para a aproximação de sociedade e universidade, já que a ciência está presente na vida de todos. Porém, a sua realização esbarra com o desafio de despertar o interesse

da população em ter contato com seus conteúdos, visto que vivemos em uma época em que há um maior interesse por conteúdos mais curtos e rápidos consumidos em redes sociais como **Tik-Tok** e **Instagram** (Natal & Alvim, 2018; Dantas & Deccache-Maia, 2020; Da-Silva *et al.*, 2024).

Ao longo dos últimos séculos, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) atuaram e ainda atuam, como significativos meios de obtenção de informações sobre conteúdo científico, onde foi possível a troca de produções de conhecimento, em escala mundial, entre pesquisadores e entre pesquisadores e sociedade. Porém, há uma grande disseminação de notícias falsas e/ou distorcidas nas mídias (rádio, televisão, cinema, internet, redes sociais, museus etc.), onde os conteúdos apresentados, muitas vezes, não possuem embasamento científico e são pobres em evidências, indo contra o pressuposto científico de produção e divulgação de informações verídicas e embasadas na realidade.

Nesse contexto, uma publicação falsa, mas influente, é um fator preocupante, tendo em vista que pode ser tomada por “verdade absoluta”, como por exemplo, o ocorrido durante a pandemia de COVID-19, onde era frequente encontrar, nas diferentes mídias sociais, afirmações do tipo “Chá de limão com bicarbonato quente cura coronavírus” e “Beber água de 15 em 15 minutos cura o coronavírus” (Dantas & Deccache-Maia, 2020).

Segundo Bueno (2010) a “vulgarização científica”, ou seja, a busca pela excessiva simplificação nas transmissões de informações, assim como a falta de profundidade e o foco somente nos resultados e não nos processos, são problemas que afastam cientistas dos criadores de conteúdo cujas temáticas envolvem ciência, citando a não capacitação desses sobre o assunto a ser divulgado como um problema. Para o autor, o fato de o discurso científico precisar ser decodificado/recodificado, se utilizando para isso recursos como metáforas e ilustrações, pode comprometer a exatidão das informações, o que pode levar os espectadores a espetacularização, e a interpretação errônea de fatos, principalmente pelos meios tradicionais, onde segundo ele não há ou há pouco diálogo com quem os consome.

Já Da-Silva & Coelho (2015, 2016) abordam a possível utilização de diferentes mídias (livros, filmes, desenhos animados, séries de TV e HQs - histórias em quadrinhos) como meio de informação, principalmente ao que compete a sala de aula. Para os autores o uso de tais mídias de forma didática em todos os níveis e disciplinas acadêmicas, como por exemplo em matérias ligadas à História Natural e à

Ciência, é benéfico, visto que estudos indicam que a assimilação do conhecimento científico é mais efetiva quando elementos do cotidiano do estudante são abordados. Destacando que deve haver a devida adequação ao nível de profundidade, onde temas ligados a Zoologia até conceitos biológicos gerais e aplicados, presentes nessas mídias, podem ser utilizados de forma a transmitir e despertar interesse nos alunos sobre os conteúdos, assim enriquecendo as aulas, além de influenciar diretamente em suas vidas ao que compete ao desenvolvimento cultural, acadêmico e pessoal.

Isso porque, segundo eles, o uso da zoologia presente na cultura pop, a chamada Zoologia Cultural, se torna indispensável pois cria uma atmosfera amigável na sala de aula, mostrando ser uma ferramenta didática útil, tendo em vista que o conteúdo técnico vasto (morfologia, fisiologia, taxonomia, filogenia) comumente ministrado, causa muitas vezes, desinteresse por parte dos alunos.

Nesse contexto as HQs, por exemplo, segundo Rosa & Gomes (2022), podem ter seu uso em diferentes esferas da educação (básica, fundamental, média, acadêmica), sendo comum o seu uso em provas de vestibulares e concursos, abordando temas relacionados a várias áreas como, por exemplo, biologia, história e língua portuguesa. Os autores citam a utilização da ciência pelas histórias em quadrinhos na forma de ficção científica ou de ciência descoberta, onde se encontram personagens como Super-Homem (herói vindo de um planeta fictício); **Capitão América** (desenvolvido em laboratório); os provindos de alteração genética **X-Men e Quarteto Fantástico**; e os criados por acidentes laboratoriais como **Doutor Octopus de Homem Aranha**.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou a influência significativa que a mídia exerce sobre as opiniões públicas em relação aos animais. Foi elucidado, através da investigação de que os filmes, como esperado, são uma das principais mídias influenciadoras, em como as redes sociais. Os documentários também mostraram influência significativa, ocupando o segundo lugar em votos, atrás dos filmes.

Evidenciou-se também a maneira, em sua maioria antropomorfizada, como a fauna é retratada, com os estúdios Disney destacando-se como a empresa que mais

produz filmes com esse tipo de retratação. Isso se reflete nas representações, anteriormente citadas, de serpentes e tubarões frequentemente retratados como “maus”, enquanto cães e outros animais domésticos apresentados como “bons” ocupam papéis de protagonismo.

No que se refere aos animais presentes no Parque Urbano Campo de Santana, os dados analisados revelaram que as hipóteses formuladas — de que “o gambá é o animal que causa mais aversão” e “o gato é o animal que causa menos aversão” — estavam equivocadas. Segundo a pesquisa, os animais que causam mais aversão foram, respectivamente, a abelha-europeia e o barrigudinho. É pertinente destacar que os termos “mais aversão” e “menos aversão” foram utilizados, embora não sejam sinônimos de “perigoso” e “inofensivo”. Entendendo que o sentimento de aversão pode indicar que algo é perigoso ou não, estando mais relacionado a sensações como repulsa, desgosto, antipatia, repugnância, ódio, abominação e execração, algo que deveria ter sido explicado no questionário. No trabalho não foram descritas todas as espécies presentes no parque, sendo os insetos representados aqui somente pela abelha-europeia.

A pesquisa também menciona a valorização de espécies exóticas na educação básica brasileira, onde há uma abordagem limitada sobre a fauna nativa. Fato que somado ao consumo de mídias com conteúdo errôneo, pode resultar na consolidação de informações incorretas acerca dos animais. Nesse sentido identificou-se a falta de uma questão no questionário que avaliasse o conhecimento dos participantes em relação aos conceitos de espécie nativa e exótica, visto que o Parque Urbano Campo de Santana abriga ambos os tipos de espécie, como por exemplo o cisne-negro (exótica) e a cutia (nativa).

Assim, pode-se concluir que o trabalho contribui para debates acadêmicos, destacando a importância sobre o conhecimento da fauna nativa, a promoção da divulgação científica, o potencial educativo das mídias (com as suas devidas correções e adequações) e a valorização de locais históricos, como o Campo de Santana, sendo esse um campo fértil para pesquisas futuras. E, ainda que o estudo tenha proporcionado percepções valiosas, o número reduzido de respostas obtidas resulta em uma generalização dos resultados, sendo, portanto, fundamentais mais pesquisas sobre o tema.

6. AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação Parques e Jardins pela autorização do questionário e de sua aplicação, bem como a observação das interações humano-animal no parque. A permissão foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

7. REFERÊNCIAS

- ABDALA, A.A; GARBACCIO. S.; ZUMÁRRAGA, M.; TARABLA, D.H. *Mycobacterium bovis* in wildlife and the dairy of Santa Fe (Argentina). **Revista Argentina de Microbiología**, v. 47, p. 147-182, jul. 2015.
- ALVES, R.R.N; SOUTO, W.M.S. Ethnozoology in Brazil: current status and perspectives. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v.7, n. 1, p. 22., 2011
- APOSTOL, L.; REBEGA, O.; MICLEA, M. Psychological and Socio-demographic Predictors of Attitudes toward Animals. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**. v. 78, p. 521–525, maio 2013.
- ARAÚJO, R.M.P. Educação ambiental: A importância de falar sobre esse tema. **Lumen et Virtus**, v. 15, n. 39, p. 3893–3899, 9 set. 2024.
- AZEVEDO, A.; MATTOS, F.; BARTHOLO, R. Entre o espaço e o lugar: considerações sobre o Campo de Santana e a Casa de Deodoro na dinâmica cultural e turística da cidade do Rio de Janeiro. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 251-262, dez. 2015.
- BALLOUARD, J.M.; PROVOST, G.; BARRÉ, D.; BONNET, X. 2012. Influence of a field trip on the attitude of school children toward unpopular organisms: an experience with snakes. **Journal of Herpetology**, v. 46, n. 3, p. 423-428, set. 2012.
- BALLOUARD, J.M.; AITIC, R.; BALINT, H.; BRITO, J.C.; HALPERN, B. Schoolchildren and one of the most unpopular animals: are they ready to protect

snakes? **Anthrozoös**, v. 26, n. 1, p. 93-109, 2013.

BAPTISTELLA, E. A representação dos animais na imprensa: uma proposta de reflexão ética. **ResearchGate**, n. 1, p. 2017–2035, 2018.

BAPTISTELLA, E. Quase famosas (?): As ariranhas como espécie carismática no turismo. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 25, n.49, p. 245-268, 2021.

BARROS, F.B.; DE AGUIAR AZEVEDO, P. Common opossum (*Didelphis marsupialis* Linnaeus, 1758): food and medicine for people in the Amazon. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 10, n. 1, 10 set. 2014.

BOCHART, C.G. **Educação ambiental com animais silvestres: uso de fotografia como recurso sensibilizador**. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas). Instituto Federal do Espírito Santo, 2022.

BUENO, W.C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, v. 15, n. 1esp, p. 1–12, 15 dez. 2010.

CÁCERES, N. C.; WEBER, M. de M.; MELO, G. L.; MELORO, C.; SPONCHIADO, J.; CARVALHO, R. dos S.; BUBADUÉ, J. de M. Which Factors Determine Spatial Segregation in the South American Opossums (*Didelphis aurita* and *D. albiventris*)? An Ecological Niche Modelling and Geometric Morphometrics Approach. **PLOS ONE**, v. 11, n. 6, p. e0157723–e0157723, 23 jun. 2016.

CANTO, D. **Interação homem e animal de estimação: um estudo acerca da posse de animais silvestres na cidade de Lábrea – AM**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, 2016.

CARNEIRO, O.I.; SANTO, J.N.; SILBA, S.N.; LIMA, C.P.; MEYER, R.; NETTO, M.E.; FRANLE, R.C. Knowledge, practice and perception of human-marsupial interactions in health promotion. **Journal of infection in developing countries**, v. 13, n. 4, p. 342–347, 2019.

CONNOR, M.; LAWRENCE, B.A. Understanding Adolescents' Categorisation of Animal Species. **Animals**, v. 7, n. 12, p. 65, 30 ago. 2017.

CUBA, M. A. EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 1, n. 2, 2010.

DANTAS, L. F. S.; DECCACHE-MAIA, E. Scientific Dissemination in the fight against Fake News in the Covid-19 times. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e797974776, 14 jun. 2020.

DA-SILVA, E. R.; FONSECA, N.L.; DE CAMPOS, M.R.T.; SILVEIRA, C.T.; BAFFA, A. F.; COELHO, L. B. N. Personagens da cultura pop inspirados em artrópodes e sua utilização nas aulas de Zoologia. **Anais do Encontro Regional de Ensino de Biologia – Regional 4**. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, 2015.

DA-SILVA, E. R.; COELHO, L.B. N. Zoologia Cultural, com ênfase na presença de personagens inspirados em artrópodes na cultura pop. **Anais do III Simpósio de Entomologia do Rio de Janeiro**, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, p. 24-34, 2016.

DA-SILVA, E.R.; SANTOS, C.A.; COSTA, S.P.A; OLIVEIRA, A.F.; COELHO, L.B. N. Divulgação interativa da zoologia: conectando ciência e cultura na UNIRIO. **Revista da ANINTER-SH**, v. 1, p. 200–207, 2024.

DIEHL, T.; WEEKS, E. B.; ZUÑIGA., H. Political persuasion on social media: Tracing direct and indirect effects of news use and social interaction. **New Media & Society**, v. 18, n.9, p. 1875-1895, 2015.

DRISCOLL, A.C.; MACDONALD, D.W.; O'BRIEN, S.J. From Wild animals to domestic pets, an evolutionary view of domestication. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 106, n.1, p. 9971–9978, 2009.

DUARTE, Claudia Brack. **Plano de gestão para o Campo de Santana: subsídios e considerações**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura Paisagística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Rio de Janeiro, 2012.

EIDT, S. **Disney's Animated Animals: A Potential Source of Opinions and Knowledge**. (Master's thesis), Semantic Scholar, Retrieved from Ohio LINK Electronic Theses and Dissertations Center, Malone University, 2016.

FUNDAÇÃO PARQUES E JARDINS - FPJ. O Campo de Santana: panfleto. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2016.

FUNDAÇÃO PARQUES E JARDINS - FPJ. Campo de Santana: panfleto. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2018.

FUNDAÇÃO PARQUES E JARDINS. Conheça a Fundação. Disponível em: <<https://www.rio.rj.gov.br/web/fpj/conheca-o-orgao>>. Acesso em: 02 de maio 2024.

GARCÍA, G.F.; HERNÁNDEZ, S.F. Conocimientos y concepciones sobre biodiversidade em alumnos de educación secundaria. **Revista de educación de la Universidad de Granada**. ISSN 0214-0489, Nº 17, p. 177-188, 2004.

GHOSH, K.S. A research study on the process of creation of awareness and sensitivity to the total environment. **International Journal of Enhanced Research in Educational Development**, v. 4, n. 6, p. 1-10, 2016. ISSN 2320-8708. Impact Factor: 1.554.

GIL, C.A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 6a Ed, 2017.

GRASSO, C.; LENZI, C.; SPEIRAN, C.; PIRRONE, F. Anthropomorphized Nonhuman Animals in Mass Media and Their Influence on Human Attitudes Toward Wildlife. **Society & Animals**, v. 31, n. 2, p. 1–25, 23 set. 2020.

HERZOG, J.; HAROLD, A.; BETCHART, N.S.; PITTMAN, R.B. Gender, sex role orientation, and attitudes toward animals. **Anthrozoös**, v. 4, n. 3, p. 184–191, set. 1991.

JANES, R.C.; CORBETT, K.K.; JONES, H. J.; TROSTLE, J. **Emerging infectious diseases: the role of social sciences**. Emerging infectious diseases: the role of social sciences. **The Lancet**, v. 380, n. 9857, p. 1884–1886, dez. 2017

KUHNEN, V.V.; ROMERO, Q.G.; LINHARES, X.A.; VIZENTIN-BUGONI, J.; PORTO, C., C.A.E.; SETZ, E.; CROWTHER, M. Diet overlap and spatial segregation between two neotropical marsupials revealed by multiple analytical approaches. **PLOS ONE**, v. 12, n. 7, p. e0181188–e0181188, 12 jul. 2017.

KUNO G.; MACKENZIE S.J.; JUNGLEN, S.; HUBÁLEK, Z.; PLYUSNIN, A.; GUBLER, J.D. Vertebrate Reservoirs of Arboviruses: Myth, Synonym of Amplifier, or Reality? **Viruses**, v. 9, n. 7, p. 185, 13 jul. 2017.

LAKSMIDEWI, D.; SUSIANTO, H.; AFIFF, A.Z. Anthropomorphism in Advertising: The Effect of Anthropomorphic Product Demonstration on Consumer Purchase Intention. **Asian Academy of Management Journal**, v. 22, n. 1, p. 1–25, 2017.

LIMA, A.S.; UGALDE, M.R; AGUIAR, L.P.B.; SANTANA, R.A.; SOUZA, G.J. ; BEZZERA A.M. Serpentes em animações: caracterização e percepção do grupo em longas-metragens ocidentais. **A Bruxa**, v. 7, n.4, p.50-66, 2023.

LLOPIZ-GUERRA, K.; URDANIVIA R.D.; HERNÁNDEZ, M.R.; VENEGAS MEJIA, L.V.; JARA NUNAYALLE, R.J.; ROBALINO SANCHEZ, K. Importance of Environmental Education in the Context of Natural Sustainability. **Natural and Engineering Sciences**, v. 9, n. 1, p. 57–71, 30 maio 2024.

LLOYD, S.; WOODSIDE, A.G. Animals, archetypes, and advertising (A3): The theory and the practice of customer brand symbolism. **Journal of Marketing Management**, v. 29, n. 1-2, p. 5–25, jan. 2013.

MACHADO, J.C.; PAIXÃO, R.L. A representação do gato doméstico em diferentes contextos socioculturais e as conexões com a ética animal. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 11, n. 1, p. 231, 13 jun. 2014.

MEGIAS, D.A.; ANDERSON, S.C.; SMITH, R. J.; VERÍSSIMO, D. Investigating the

impact of media on demand for wildlife: A case study of Harry Potter and the UK trade in owls. **PLOS ONE**, v. 12, n. 10, p. e0182368, 4 out. 2017.

NATAL, B.C.; ALVIM, H.M. A Divulgação Científica e a Inclusão Social. **Revista do EDICC**, v. 5, 22 out. 2018.

OLIVEIRA, V.J.; LOPES, F.S.; BARBOZA, D.R. R. ; TROVAO, B.M.D. Wild vertebrates and their representation by urban/rural students in a region of northeast Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 15, n. 1, 2019.

ONYISHI, E.I.; NWONYI, K.S.; PAZDA, A.; PROKOP, P. Attitudes and behaviour toward snakes on the part of Igbo people in southeastern Nigeria. **Science of The Total Environment**, v. 763, p. 143045, out. 2021.

OSTROVSKI, R.L.; VIOLANTE, G.M.; BRITO, M.R.; VALENTIN, J. L.; VIANNA, M. The media paradox: influence on human shark perceptions and potential conservation impacts. **Ethnobiology and Conservation**, v. 10, p. 1–15, 2021.

PEREIRA, M.H.; BRAGA-PEREIRA, F.; AZEVEDO, M.M.L.; LOPEZ, S.C. L.; ALVES N.R.R. Assessing factors influencing students' perceptions towards animal species conservation. **PeerJ**, v. 11: p. e14553, 2023.

PINHEIRO, P.; KINDEL, E. A. I. Debates sobre filmes infantis em sala de aula: uma ferramenta contra a posse de animais silvestres. Rio Grande/FURG: **REMEA/Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, vol. 30, n. 2, p. 27-48, 2013.

PINHEIRO, T.L.; RODRIGUES, M.F. J; BORGES-NOJOSA, M.D. Formal education, previous interaction and perception influence the attitudes of people toward the conservation of snakes in a large urban center of northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 12, n. 1, 20 jun. 2016

POMERING, A.; FROSTLING-HENNINGSSON, M. Anthropomorphic brand presenters: The appeal of Frank the Sheep. **Brand mascots: And Other Marketing Animals**, p 141-162, 2014.

PONTES, B.E.S.; SIMÕES, C.R.M.A.; VIEIRA, G.H.C.; ABÍLIO, F.J.P. Serpentes no contexto da educação básica: sensibilização ambiental em uma escola pública da Paraíba. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 12, n. 7, p. 79-99, 2017.

ROOT-BERNSTEIN, M.; DOUGLAS, L.; SMITH, A.; VERÍSSIMO, D. Anthropomorphized species as tools for conservation: utility beyond prosocial, intelligent and suffering species. **Biodiversity Conservation**, v. 22, n. 8, p. 1577-1589, 2013.

ROSA, F.E.; GOMES, S.N. HQs & Divulgação Científica & Hqs de divulgação científica no Brasil: Intersecções. **Domínios da Imagem**, Dossiê História em quadrinhos latino-americanas: A história contemporânea na cultura das massas., v. 16, n. 30, 2022.

SANTOS-FITA, D.; COSTA-NETO, M.E. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozootologia. **Biotemas**, v. 20, n.4, p. 99-110, 2007.

SCHERER, J.H; ESSI, L.; PINHEIRO, K.D. O conhecimento da Biodiversidade: um estudo de caso com estudantes de graduação de uma universidade brasileira. **Revista Monografias Ambientais**, Santa Maria, v.15, n. 2, p. 49-58, 2015.

SERPA, L.G; DA-SILVA, E.R. Ararinhas, unidas, jamais serão extintas! Como o filme Rio pode ajudar em campanhas ambientais. **A Bruxa**, v.6, n, 2, p.33-56, 2022.

SERPELL, J.A. Factors influencing human attitudes to animals and their welfare. **Animal Welfare**, v.13, p. 145-151, 2004.

SIHOMBING, H.L.; SHINTA, D.; REMMY, E.; CHRISTIAN, R. Analysis of Symbolism in Zootopia Movie. **AKSARA: Jurnal Bahasa dan Sastra**, v. 23, n. 2, 2022.

SILVA, S.S.M. **Estudo da Representação Biológica da Fauna Silvestre na literatura infantil**. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

TARRANT, J.; KRUGER, D.; PREEZ, H.L. Do public attitudes affect conservation

effort? Using a questionnaire-based survey to assess perceptions, beliefs and superstitions associated with frogs in South Africa. **African Zoology**, v. 51, n. 1, p. 1-8, 2016.

VAN DER MEER, E.; BOTMAN, S.; ECKHARDT, S. I thought I saw a pussy cat: Portrayal of wild cats in friendly interactions with humans distorts perceptions and encourages interactions with wild cat species. **PloS One**, v. 14, n. 5, e0215211, 2019.

VIZACHRI, R. T.; PIASSI, C. P. Como as animações de longa-metragem têm acompanhado a discussão em torno dos direitos animais: um estudo a partir de Bee Movie e Fuga das Galinhas. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 16, n. 40, p. 198-213, 2017. > . Acesso em: 18 de junho de 2024.

VIZACHRI, R. T. **Animais humanos ou humanos animais?: um estudo sobre a representação dos animais antropomorfizados nos filmes de animação**. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

WEIR, S.; KESSLER, S. E. The making of a (dog) movie star: The effect of the portrayal of dogs in movies on breed registrations in the United States. **PLOs ONE**, v. 17, 2022.

Publicação

www.revistaabruxa.com



Em 05 de novembro de 2025

Costa, A.P.S.; Da-Silva, E.R. & Cordioli, L.A.

A Bruxa, 9(am 3): 1-62.

DOI: 10.5281/zenodo.17537400

Licenciado sob a Creative Commons Atribuição–NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Trabalho publicado na íntegra, como apresentado e aprovado pela banca examinadora da Instituição, sendo todo o conteúdo de responsabilidade da autoria.